



Órgão Oficial do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz»
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

REFORMAS TUDO BEM... MAS

Grandiosa, sem dúvida, a fase de melhoria e recuperação que atravessa o Centro em suas várias dependências. O ano do quarto centenário está se mostrando pródigo para os sócios do CAOC. Materialmente, pelo menos.

Inicialmente ficamos boquiabertos diante das realizações do Departamento Científico, especialmente sua nova sede que ficou mais do que bonita; ficou espetacular.

Era o que se dizia, enquanto não se inauguraram as novas instalações do CAOC.

Esta superaram tudo. A sede ficou luxuosa; demais até para alguns de seus frequentadores.

E logo, parece, chegará a vez da Atlética, pois todos conhecemos a promessa de Cr \$ 150.000,00 para a reforma do estádio. Portanto, tudo bem... materialmente, pelo menos.

Pois, se o conforto físico, material, oferecido por essas conquistas contribuir, como se acontece, para acentuar o comodismo, o alheamento aos problemas gerais, tão peculiares aos nossos estudantes... tudo mal, muito mal. Melhor seria então continuarmos com as velhas deficiências e dificuldades, porque a pobreza ao menos dignifica.

Sim, a reforma foi material. E espiritualmente estarão o estudante o seu Centro reformados? Recuperados para o seu lema intrínseco e entusiasta de honestidade, trabalho e idealismo em todas as causas?

Estará o estudante disposto, agora que tem o conforto e aconchego de sua luxuosa sede social, a enfrentar a aridez dos problemas especializados de ensino, a complexidade dos dilemas nacionais, a dura realidade das misérias de nosso povo?

Estes são problemas em cuja focalização o estudante pode e deve tomar posição ativa. Pode, porque tem capacidade cultural e moral, e deve porque são problemas da Faculdade, da Pátria, do povo, aos quais o estudante deve a sua posição privilegiada de saber e poder.

Mas, parece, e infelizmente temos certeza disso, que muitos assim não pensam; pelo menos assim não agem.

E argumentamos: onde está a honestidade: quando se "cola" ou se ajuda a colar nas provas; quando não se critica um professor desde que seu exame seja fácil;

quando não se combate os concursos duvidosos?

Onde estão o trabalho e a dedicação:

que não se transformam em reuniões para discutir problemas de ensino? Que não levam avante campanhas con-

tra os professores que dão maus cursos; ou que não dão cursos? (com honrosa exceção do atual quinto ano no caso Vasconcelos?)

Que não movimentam todos os departamentos do CAOC? Que não se interessam pelos assuntos da Faculdade e do Centro?

Onde está o idealismo sadio quando: a maioria trata exclusivamente de seus próprios interesses?

Quando se vota num candidato por favores pessoais e não por linha de conduta?

Quando todos os departamentos do Centro se ressentem de material humano?

Quem sabe se a onda de reformas e de novidades que se espraia em nosso Centro não afogará estes argumentos. Assim o desejamos ardentemente.

E quem sabe se as macias poltronas da nova sede não servirão para oferecer o descanso físico e o repouso espiritual, para que nossos colegas retemperem suas forças e as unam numa campanha varonil e decidida, honesta, idealista, objetiva pela reforma total, mas, principalmente moral de muitos aspectos aspectos de nossa Faculdade, e do nosso Brasil.

E mostrarão então que os estudantes não se impõem somente pelo número mas possuem também qualidade. Que conhecem e sabem discutir os assuntos de ensino, de administração e política; e que os estudantes têm opinião conciosamente formada, e têm força para fazê-la respeitada. Que sabem distinguir entre o correto e o corrupto. Que percebem as intenções por detrás dos fatos. Que agem impedidos por princípio de idealismo sadio e independente. Que não temem a força de autoridade porque possuem o poder da justiça.

Enfim que os estudantes são elementos úteis e indispensáveis ao progresso, pois se tem cultura e capacidade de trabalho como muitos, tem independência de ação e liberdade de pensamento como poucos.

Por isso o estudante pensa bem, e age como pensa.

Já o dissemos uma vez e o repetimos: os universitários, os de medicina em particular, precisam ocupar um lugar de destaque e vanguarda na luta pelo progresso da ciência, na direção universitária, no combate à imoralidade política e administrativa, no conceito público, na sociedade atual; lutar esse que a sua capacidade merece e que a consciência de seus privilégios de cultura e juventude, exige.

Falam os professores

Prof. Carlos da Silva Lacaz

Em substituição à entrevista que "Bisturi" deveria publicar, o Prof. Carlos da Silva Lacaz achou de melhor alvitre dar ao conhecimento dos acadêmicos de medicina, o seu discurso de posse, lido durante sessão solene de Congregação.

Neste discurso, são focalizados vários problemas que dizem respeito ao ensino médico, assim como a opinião daquele professor, sobre a orientação que se deve imprimir ao estudo da Microbiologia da Imunologia em nossas escolas médicas.

Além de visar divulgar as idéias nele contidas, a transcrição deste discurso em "O Bisturi", representa a admiração, o respeito e a amizade que todos alunos têm pelo insigne e querido mestre.

DISCURSO DE POSSE

Várias razões, cada uma delas mais legítima, justificam a confissão que vos faço, de sentir-me bastante feliz ao me empossar do cargo de professor catedrático de Microbiologia e Imunologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

A primeira razão vem de remotos tempos. Era a de seguir o exemplo de meu pai, um velho professor de matemática, que, na minha cidade natal, exerceu com dignidade e eficiência, o magistério público. Edifiquei-me com meu pai, o principal dos meus mestres; dele recebi grandes lições, meu espírito se afervorou no seu exemplo e nas páginas íntimas de sua vida. Chefe de família, ninguém o foi melhor, mais dedicado, mais afetuoso, mais correto. Foi ele um homem justo, sempre de pé, ainda que o mundo lhe caísse por sobre a cabeça. Se a vida é feita de ressurreições, se ela é um repositório de constantes reminiscências, seja-me concedido, nesta cerimônia de inesquecíveis emoções, proclamar-lhe aqui seu nome, com respeito e afeto. Do alto onde se encontra, continuando como num tutelar, partilhando de todas as minhas conquistas.

A segunda razão: eis-me também acolhido nesta colenda congregação, grêmio de mestres como os considero a todos, em cujo convívio estirei os alicerces de minha formação científica. Em

Conclui na 6ª pág.

Este número de «O Bisturi» custa aproximadamente, Cr \$ 17.000,00, e ainda trabalho e dedicação de muitos colegas.

«O Bisturi» não possui uma sala para reunião; nem um arquivo, ou uma escrivaninha; tão pouco u'a máquina, um granpeador, um lapis sequer.

Compreenda portanto suas falhas e colabore para seu progresso.

A VIII Semana Brasileira de Debates Científicos, sob os auspícios dos Departamentos Científicos dos Centros Acadêmicos "Oswaldo Cruz" (FMUSP) e "Pereira Barreto" (EPM), reuniu de 1.º a 8 de agosto de 1954, mais de uma centena de estudantes de todo o Brasil. Dos 60 acadêmicos de São Paulo, e 54 de outros Estados foram inscritos 84 trabalhos apresentados em três Sessões diárias, durante 6 dias.

Esta reunião anual dos futuros médicos é a continuação do ideal do Dr. Gumercindo C. de Oliveira Moraes Jr., fundador da Semana em 1947, e visa elevar o nível cultural e científico dos acadêmicos de medicina.

Mas podemos afirmar que nos seus 8 anos de existência ininterrupta, a Semana conseguiu mais que aquela finalidade estatutária, pois se evidenciou como verdadeira escola de adiestramento na apresentação e discussão de trabalhos científicos, além de afirmar a capacidade realizadora da

VIII S B D C

Uma afirmação maiúscula dos estudantes de São Paulo e do Brasil



Os semanistas reunidos durante o "cocktail" oferecido pela Endochimica.

mocidade e se constituir em autêntica festa de confraternização Universitária.

Nesta VIII Semana, mais do que nunca, predominou o sadio espírito acadêmico que eliminou

qualquer interesse particular ou regionalista. Por isto especialmente felicitamos os seus participantes e a direção. Foi enfim uma brilhante participação nas festividades do IV Centenário

HISTÓRIA: Começou em Niterói em 1947. Continuou em Porto Alegre (1948), Distrito Federal (1949), Salvador, Recife, Belo Horizonte e Curitiba (1953). No próximo ano será em Salvador, voltando posteriormente para São Paulo (Ribeirão Preto), em 1956.

ORGANIZAÇÃO: Como sempre a viagem dos semanistas foi por conta do D. C. a que pertencem. Para a estadia, foi conseguido o magnífico alojamento da Água Branca, pertencente ao DEESP. A verba para as múltiplas despesas foi obtida dos C. A. patrocinadores, e do CTA do Hospital das Clínicas de São Paulo.

Conclui na 4ª pág.

Os calouros também pensam

Manifesto do primeiro ano

Tem sido muito apregoado que nossa condição de estudantes de curso superior implica na vivência de uns tantos ou quantos princípios; ao conjunto deles qualifica-se como "espírito universitário".

É de um problema que vai de encontro brutalmente a esses princípios que queremos aqui tratar, pedindo, ao mesmo tempo, uma solução. Por ser ele já de uso tradicional, pouca ou nenhuma importância tem-lhe sido atribuída, pois grande parte dele é desconhecida da maioria dos colegas, que displicentemente se alheiam aos problemas que lhes dizem respeito.

Nossa intenção é levantar a questão, e mostrar aos colegas de bom senso que pautam suas atitudes pelos princípios de justiça, honestidade de propósitos, decência e respeito pela dignidade humana, a que ponto o trote desmoraliza o bom nome de nossa Escola, e enxovalha a nossa condição de universitários.

Difícil, e mesmo estafante seria retratar com fidelidade a situação, pois são inúmeras as formas de que se reveste atualmente o trote, e também porque manda-nos a decência que não narremos muitas delas; isto nos tolhe tremendamente a possibilidade de argumentação ampla, mas nos pomos à disposição dos colegas que se interessarem por maior número de dados objetivos.

É verdadeiramente perplexos que contemplamos cenas deploráveis como agressões físicas. Compreendê-las-íamos se fossem usadas na defesa da integridade física pessoal, de homem para homem, mas não nos conseguimos compadecer da idéia de uma agressão física perpetrada por um indivíduo contra outro quando este está imobilizado por um grupo, impossibilitado de se defender.

O direito natural que um indivíduo tem à sua saúde também

tem sido atentado. Assim, um fato conhecido é o da imersão do primeiro-anista no tanque do jardim da Escola, quando aí já se achava em adiantado estado de putrefação um cachorro morto: Como explicar o fato? Irresponsabilidade?

O que explicaria certos trotes pessoais como o de passar tintas de pintura em partes pudendas? Sadismo, ou falta de formação moral? De uma ou de outra maneira quer-nos parecer que os conhecimentos médico-higiênicos não calaram suficientemente fundo no espírito de certos colegas para impedir estes fatos.

Um aspecto que aqui merece ser focalizado é o da psicologia do aluno recém-entrado na Escola. Trata-se de um indivíduo que, via de regra, desconhece totalmente o ambiente em que vai viver; encontra-se em estado de extrema receptividade, carece de orientação, choca-se com os novos rumos que toma o método de estudo, e espera confiantemente encontrar uma mentalidade evoluída, e colaborar nesta mentalidade.

E no entanto, o primeiro contato que tem apresenta-lhe uma exploração tremenda da sua receptividade no sentido da satisfação de prazeres estranhos, para os quais não se encontra justificativa. Como justificar aqueles colegas dos quais esperava ele compreensão, apóio, e que agora ordenam que ele e todos os seus companheiros se dispam completamente e se ponham a correr sem destino pelo estádio, sob as vistas de transeuntes e moradores das redondezas; ofendendo o pudor de quem quer que por perto esteja? Como pode ele compreender que indivíduos aos quais está destinada a responsabilidade elevada de médico, orientador e conselheiro, possam encontrar alegria ou prazer em despojá-lo de suas vestes exteriores e obrigá-lo a voltar em trajes menores para casa, muitas vezes sob chuva, pondo em risco a sua saúde? E a que fica reduzida sua esperança de amizade e colaboração com os colegas mais antigos quando, ao voltar no dia seguinte, não encontra a roupa, que frequentemente não lhe custa tão barato quanto custa a esses colegas inutilizá-las, pinçelando-as com tintas e óleos indelévels?

Em que se baseia o direito que usam esses indivíduos para ordenar, humilhar, dispor despoticamente de outros que nada mais são que seus iguais, pois adquiriram o direito regularmente, como eles o fizeram, de cursar uma Faculdade?

Onde está o senso de justiça daqueles que já se revoltaram contra medidas de que hoje lançam mão para exercer uma espécie de compensação ou vingança sem sentido, vazia, explorando a ignorância, a boa fé e a confiança de indivíduos que, se bem orientados, poderiam ser os continuadores de boas tradições dentro da Escola?

Por que não darmos uma boa acolhida aos alunos recém-saídos do vestibular, esquecendo-nos do que sofremos, e assim criar uma tradição nova, sobre bases sólidas, de boa moral e compreensão? Uma tradição com vistas à preservação daquilo que todos temos obrigação de defender com ardor e honra: o bom nome de nossa Faculdade, a elevação da mentalidade do meio, a convergência de todos os esforços no sentido do fortalecimento de nos-

sa união, da defesa das nossas mais legítimas aspirações de jovens. Assim fazendo, não estaremos dispersando forças, anulando energias potenciais que tão úteis seriam ao meio da Faculdade, ao universitário e à sociedade em geral.

Qual a força moral de que dispomos para exigir dos nossos novos colegas que respeitem o espírito universitário a que nos referimos de início, quando tacitamente permitimos que uma minoria continue neste linha de descalabros e imoralidades? Não é isto uma gritante incoerência.

Como separar o joio do trigo, o falso do verdadeiro, se esta minoria, depois de algum tempo, vem de público a apregoar princípios e ditar normas?

Como solucionar pois o problema?

Sendo o trote originariamente uma jocosa manifestação de camaradagem de alunos mais experientados para com os novos de uma Escola, como fazer para que ele volte aos moldes primitivos?

Talvez uma regulamentação fôsse a saída. No entanto, a comissão que deve se encarregar de fazer o trote respeitar umas certas normas não só não tem atingido a sua finalidade como também tem colaborado na sua desmoralização.

O ideal seria deixar aos indivíduos de bom senso, que não concordam com estes excessos e que constituem a grande maioria, a responsabilidade de impedir que sejam eles cometidos. A experiência tem revelado que estes indivíduos ainda não se capacitaram desta responsabilidade.

Compensaria a quebra de uma tradição de recepção alegre o desaparecimento de tais e tantos fatos lamentáveis? Quer-nos parecer que sim, mesmo porque a tradição não tem sido respeitada.

Encarando o problema com a seriedade que merece, confiamos em que nossos colegas compreenderão a sua importância, e a responsabilidade que têm para com a sua resolução, e convidamos todos para que venham colaborar conosco expondo seus pontos de vista na Assembléia Geral a ser realizada dentro de poucos dias. Trata-se de tomar posição ante um problema que existe; que salta aos nossos olhos; e que urge ser resolvido.

E, para que continuemos a ter a pretensão de constituirmos uma classe esclarecida, comecemos por tentar a solução dos nossos próprios problemas.

HEROIS DA PÁTRIA

Lembro-me perfeitamente da escola da minha infância. A sala de aula era comprida, com três filas de carteiras baratinhas, onde sentávamos dois a dois.

Meu companheiro de carteira era um grande camarada. Só tinha um defeito: não sabia apreciar as coisas. Gostava de ficar olhando aquele retângulo de papel, dependurado lá na parede da frente, e que ele dizia, garbosamente, ser a bandeira do Brasil. Eu não perdia tempo com isso. Não via nada na "sem-gracice", daquelas lindas retas; preferia estar bulindo no quadro de estampas; acho que ficaria o dia inteiro a revirar as páginas daquele calhamaço, cheio de homens barbudos e sérios. Eles, aliás, tinham uns nomes atraentes: Don fulano de tal, Comendador não sei o que, etc., etc. Mas eu, é claro, nunca dei importância aos nomes.

Um dia tive um problema sério e fui expô-lo à professora. "Por que todos aqueles homens tinham barba?" A professora sorriu. "Era costume da época". "Ah! Era costume? Mas que costume engraçado, hein D. Maria?" Depois veio outra dúvida: eu não conseguia descobrir porque aqueles sujeitos — todos barbudos, segundo o costume da época — estavam ali. Voltei à professora e ela explicou-me; eles tinham sido heróis da pátria, sujeitos que tinham morrido para que o Brasil ficasse independente ou para que ganhasse alguma guerra.

Nesse dia em diante, virava as folhas do calhamaço mais devagar, olhando com mais respeito àqueles heróis da pátria. Um deles — lembro-me muito bem — tinha uma corda no pescoço; era ainda mais sério que os outros. Um outro, com um pedaço de braço segurava uma coisa que a professora disse chamar-se escudo; na outra mão tinha uma faca comprida, parecida com aquelas dos piratas, que eu tinha visto numa fita. Mais tarde fiquei sabendo que era espada. Esse tal homem sem braço era preto; fui perguntar à D. Maria se ele também, era herói da pátria. Era. "D. Maria os pretos também podem ser heróis da pátria?"

Mãe, todas essas lembranças já ficaram longe. Eu cresci. Infelizmente, mas cresci. E os velhos heróis da pátria, de lá para cá, apenas ficaram um pouco mais velhos e muito mais esquecidos. Hoje só os hinos se lembram deles. Mas os hinos são instrumentos nossos, feitos para que possamos mostrar que somos patriotas. Os heróis da pátria não existem mais. Morreram todos, um a um. Pátria ainda existe, eu sei. Mas uma pátria desclada, esquecida, pátria de versos e de hinos, também. Quasi que só serve para abrigar homens que não pensam nela.

Os homens de hoje são diferentes; simplificam a vida. Equacionam a vida, reduzem-na a um denominador comum, reduzem a vida a si.

Heróis da pátria... Coitados deles. Há momentos em que penso, seriamente, que eles perderam tempo atoa. Deram tudo, até a vida, por esta liberdade que temos. Por esta liberdade que não tem sentido, já que não sabemos fazer uso dela. Nós apenas somos livres para nos defendermos, só usamos de nossos direitos de cidadãos na medida que os problemas nos interessem particularmente. E a pura verdade ninguém ousa negar.

Mas, o que fazer? A vida é assim, D. Maria. Para fazer com que as coisas voltem a entrar nos eixos, só ressuscitando uns dois ou três daqueles heróis da pátria.

J. C.

QUEM TEM?

Números antigos da «Revista de Medicina» ou de «O Bisturi»? E quem estaria disposto a cedê-los à direção do Departamento Científico e de «O Bisturi», respectivamente, para completar as coleções destes órgãos, que foram desfalcados criminosamente por «pseudo-colegas» inescrupulosos, durante alguma administração menos cuidadosa?

Contribua para o patrimônio do Centro.

Ofereça os velhos exemplares da Revista e do «O Bisturi», que você nunca folheia, e que a nós serão úteis e valiosos.

Antietanol

COMPRIMIDOS



O mais moderno medicamento contra a mais antiga moléstia que aflige a humanidade: o alcoolismo.

LABORATÓRIO PAULISTA DE BIOLOGIA S. A.

"O BISTURI"

Órgão Oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Fone: 52-1729 — São Paulo Av. Dr. Arnaldo, n.º 1

Diretor: Wilhelm Kenzler (Willy)

Secretário: Schlioma Zaterka.

Conselho de Redação e Redatores: Fernando Proença de Gouvêa, Maria José Machado, J. Crispim Noronha, José Knöplich, Carlos de Souza Dias e Linneu Marcos Linardi.

Desenhista: Anoi Cordeiro.

Fotógrafo: Manlio Speranzini.

Propaganda: Fernando Proença de Gouvêa.

Colaboradores: Diomed Belloni, Nelson Proença, Thezinha B. Cardoso, Odilon de Mello F. Filho, Caiuby Trench, Friedrich Simon, Alberto de Lucca, Hélio Lemmi, Milton Zaidan e Gomes A. Cesarino.

A Direção não é responsável nem necessariamente solidária com as opiniões contidas nos artigos assinados, ou com pseudônimo. Não se publicam colaborações que não tenham autor responsável.

Este jornal é distribuído gratuitamente a todo o corpo discente e docente da FMUSP e aos médicos do Hospital das Clínicas; é enviado a todas as Faculdades do país, algumas do Exterior, a várias Bibliotecas e Poderes Públicos.

UM FATO EM FOCO:

A VIII SEMANA BRASILEIRA DE DEBATES CIENTIFICOS

José Knoplich

Resumimos aqui uma série de opiniões deixadas pelas delegações dos vários Estados à VIII Semana, baseados nas respostas dos seminaristas a um questionário publicado no boletim "A Semana".

Responderam esta enquete cerca de 30 acadêmicos, sendo 6 de São Paulo (2 da FMUSP, 2 da EPM, 2 de Ribeirão Preto) e os outros da Bahia, Pernambuco, Distrito Federal, Estado do Rio e Rio Grande do Sul. Por estas respostas podemos avaliar o que foi a VIII SBDC.

1.o) Cite o melhor trabalho.

Das 30 respostas, 12 acharam que esta pergunta não tinha razão de ser, umavêz que este critério do "melhor" foi abandonado. Foram citados os trabalhos de Eridam Coutinho (6), Nelson Piva (7), Virgílio Gonçalves (3), outros de nossa Faculdade com menor votação.

E' curioso notar que os nomes indicados geralmente eram apontados pelos próprios colegas de Bancada.

Dos 5 baianos entrevistados 4 apontaram Nelson Piva da Bahia, mas isto não aconteceu com a bancada pernambucana tendo a sua representante Eridam Coutinho sido apontada por outras bancadas.

2.o) Quais as falhas mais frequentes dos trabalhos?

Dentre as falhas mais apontadas foram falta de contribuição pessoal (7) e longa exposição teórica (5) além de redação inadequada e terminologia imprópria.

Interessante não ter sido apontada a bibliografia falha e mal

apresentada, tão frequentemente criticada pelas Bancas.

3.o) Que acha do nível científico dos trabalhos?

Das 30 respostas coligidas 6 apenas acharam ótimo, 14 acharam bom, 9 regular, e, 1 baixo.

4.o) Que achou das bancas?

Cerca de 20 seminaristas acharam boas e 10 acharam excelentes. Somente temos que acrescentar que a atuação do prof. M. Rocha da banca de Anatomia provocou má impressão entre os congressistas.

5.o) Dê uma nota de 0 a 10 à organização do Congresso.

A média foi quase nove, atestando assim a excelência da organização.

As bancadas que melhores notas atribuíram aos dirigentes da VIII semana foram as da Bahia e a Fluminense.

Da Faculdade Nacional de Medicina é donde vieram as melhores notas.

6.o) Aponte a maior falha da VIII Semana.

Obtivemos 15 respostas em branco para esta questão. As outras falhas foram apontadas como sendo "falta de liberdade nas discussões que tinham de ser feitas por perguntas telegráficas.

7.o) O que mais o impressionou na VIII Semana?

Doze respostas fizeram referências à organização do congresso.

Mais 6 respostas apontaram espírito universitário que imperou.

Mas é de se notar que a delegação fluminense através de 3 votos de louvor indicou nome de Danilo P. Garcia da comissão organizadora, que impressionou pela sua vontade de agradar e ajudar a todos. Um congressista afirmou que foi uma japonezinha...

8.o) Que achou do programa social?

Aqui é que encontramos a falha mais grave, da VIII Semana. Foi apontado como fraco por 16 respostas e 6 respostas indicaram que foi bom. Um único congressista afirmou que não veio para cá procurar programa social!

9.o) Outros pontos que quiser comentar.

Quase a totalidade das respostas nada acrescentaram à este item. Alguns pediam que houvesse uma seleção anterior dos trabalhos na própria Faculdade antes de serem apresentados na Semana.

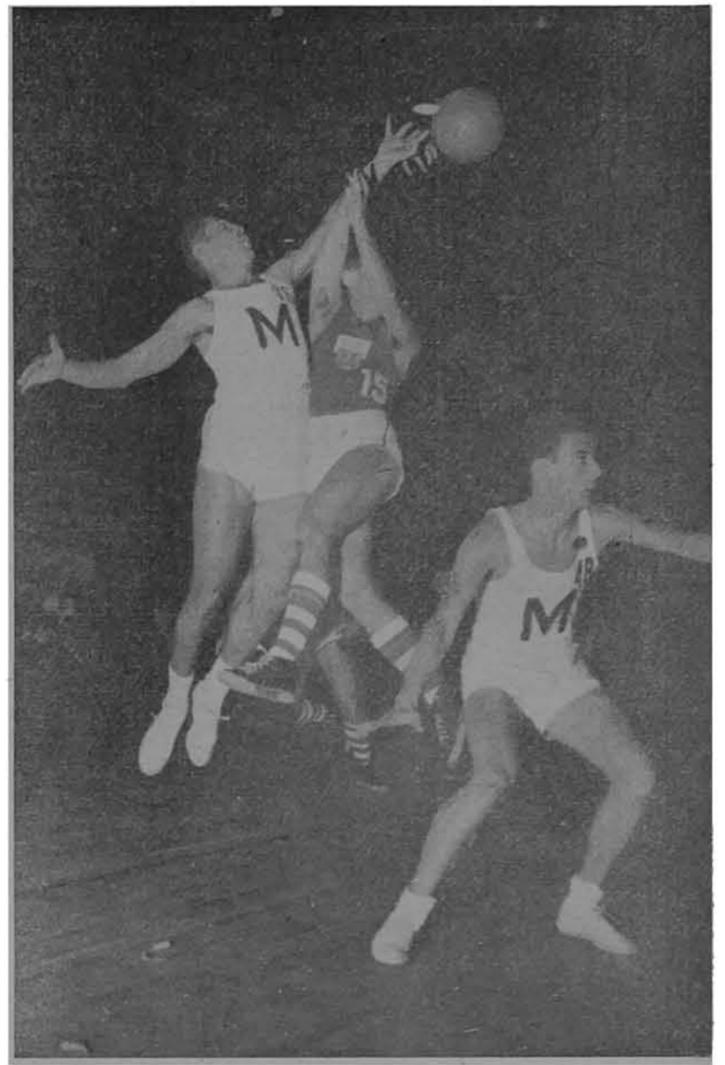
10.o) Que sugere para melhorá-la?

Neste quesito também na totalidade das respostas vieram em branco. Temos a salientar as sugestões dadas por alguns colegas por serem dignas de nota. A congressista Helena C. Basserman (FNM) propõe a formação de uma semana sul-americana de debates científicos! Também propõe a formação de uma verba especial para a distribuição de material de propaganda da Semana, à todas escolas médicas do país.

Da bancada pernambucana foi reafirmado o propósito de não ser suscitado espírito de competição.

Ítalo Guassuna (FNM) sugere que julgamento dos trabalhos, seja feito, pela banca toda não por um professor.

Ficam aí as opiniões, críticas ou sugestões, para serem aproveitados pelos responsáveis das próximas "Semanas"



BAROUDI e GUILHERME simbolizam neste flagrante do jogo de basket de 1953, respectivamente o esforço e a atenção que precisamos para ganhar a MAC-MED do IV Centenário.

Vamos ver o que eles estão fazendo

Foram os seguintes os Departamentos que não nos entregaram seus relatórios:

- Secretaria do CAOC.
- D. C.
- L. C. S.
- L. C. C.
- Departamento Social
- Farmacia
- Departamento de Cultura.

Os representantes desses Departamentos merecem a nossa censura, sejam quais forem os motivos que os impediram de entregar seus relatórios, pois cremos que nada os impediria de nos apresentar ao menos uma satisfação.

Devemos salientar que colega Enge, representante do Departamento de Cultura, ao ser procurado pela

redação de «O Bisturi», declarou não ter obrigação de entregar relatório de suas atividades ao nosso jornal. Deixamos ao colega leitor o julgamento de tal proceder. Para auxiliá-lo nesse julgamento, transcrevemos um parágrafo de «O Bisturi» de Abril de 1954:

«Por louvável decisão da Diretoria do CAOC, todos os diretores de Departamentos e a própria Diretoria, terão obrigação de apresentar ao «O Bisturi» um relatório suscinto, mensal de suas atividades, analisando os problemas e relatando os planos do respectivo Departamento. Assim todos os colegas, eles próprios ficarão ao par da real situação dos vários setores da atividade gremial.»

DESCENDO A LENHA

Vamos curar a Terapêutica, prof. Cantídio ?

Sem dúvida uma das cadeiras mais importantes do Curso Médico é a Terapêutica. Assunto ainda em franca evolução é o setor do currículo médico que exige a mais constante atualização; cada dia se traz à luz novos produtos e novas revelações sobre as drogas. Atualmente chegou a tal extensão a matéria que é mesmo impossível dá-la num ano de curso com apenas duas aulas por semana. Ao invés de concessões desnecessárias a Cadeiras de somenos importância deviam os senhores professores ter lembrado de estender a Terapêutica para 2 anos (quarto e quinto anos) para que ela fôsse dada concomitantemente com Clínica Médica. Para isso o aluno já sai do terceiro ano com os conhecimentos necessários de Farmacologia.

Entretanto, a orientação dada na maioria das aulas de Terapêutica tem sido falha. Frequentemente perdem-se horas e horas na exposição de assuntos alheios à cadeira, dedicando-se à esta somente os últimos 5 minutos de uma aula onde são citados resumidamente alguns produtos. Isso não está certo prof. Cantídio! Parece-me que as coisas estão invertidas. Porque essas aulas teóricas inteiras sobre assuntos que geralmente o estudante já teve explanado com muito mais detalhes em outras ocasiões? É a Terapêutica não merece mais que um apêndice resumido no fim dessas aulas?

Outra falha lamentável, e igualmente sanável, é a de aulas teóricas em plena enfermaria. Desculpe-me, prof. Cantídio, mas aula teórica se dá em anfiteatro, onde o estudante tem bancos para sentar e apoio para escrever. Porque tiramos o socêgo dos doentes com preleções que nada tem a ver com eles? A desculpa de que o anfiteatro da Terapêutica não acomoda toda a turma sentada, é fraca. São tantos os bons anfiteatros do H. C. que nem os conheço todos; se isso não fosse solução porque o Sr. não segue o exemplo do Dr. Pontes? No anfiteatro da Anatomia Patológica cabem mais de 100 pessoas comodamente sentadas.

Veja bem, prof. Cantídio, como as coisas poderão ser melhoradas. Aí então poderemos dizer em alto e bom tom que a Terapêutica é mesmo uma boa cadeira, verdadeiramente interessante no melhor aprendizado deste importante setor do currículo médico.

Vamos curar a Terapêutica, prof. Cantídio de Moura Campos!

Fernando Proença de Gouvêa.

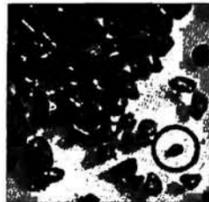
NORMACOL

Reeducador do intestino

Para o tratamento da prisão de ventre habitual

PROPRIEDADES

- Provoca o peristaltismo normal pelo aumento de volume que os grânulos sofrem no intestino
- Amolece o conteúdo intestinal, produzindo evacuações volumosas e macias.
- Não irrita, não causa cólicas nem diarreia e não oferece o perigo do hábito.



Normacol em estado seco, vendo-se, dentro do círculo, um grânulo no seu tamanho normal.



O mesmo grânulo, depois de 3 horas de contato com a água, aumentou 35 vezes o seu volume inicial.

Embalagens originais:
Latas com 100 e 200 gramas de grânulos drageados

INDÚSTRIA QUÍMICA E FARMACÊUTICA

SCHERING S/A
RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

PÓRTO ALEGRE

RECIFE

BELO HORIZONTE

VIII SBDC

Conclusão da 1ª pág.

Não houve classificação nem prêmios

Sanando a maior das falhas que a Semana apresentava, não foi instituída uma classificação oficial dos trabalhos, e nem houve prêmios. Eliminou-se assim o caráter de competição, princípio tão falho em assuntos científicos principal motivo de desentendimento protestos nos anos anteriores.

A Semana passou a funcionar como a maioria dos Congressos Médicos: nas Sessões, cada uma dedicada a certa especialidade, os trabalhos eram relatados. Após a apresentação, as críticas, comentários e perguntas dos colegas eram enviadas por escrito ao autor, que então dispunha de dez minutos para respondê-las. Evitava-se assim diálogo, e a discussão pessoal. Em seguida um dos professores convidados fazia suas considerações sobre o tra-

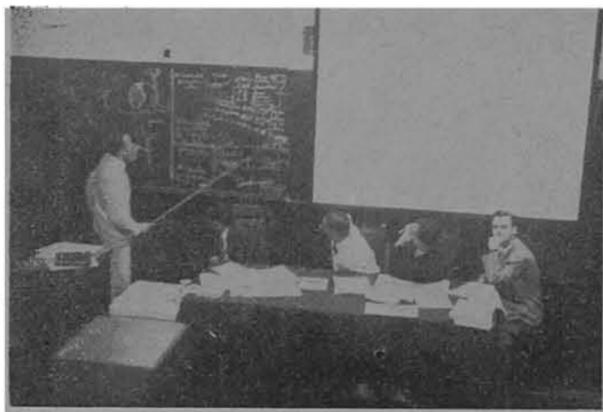
B. de Mello, Pedro Nahas, Aloísio Fernandes, Ruy Yamanishi, Henrique W. Pinotti, Gilberto M. de Góes, Nestor Biscardi, Sylvio Saraiva, Isabel Ettruri, Lucy Duailibi, Haruco Okumura, José Saad, Fernando B. P. Leitão, Olavo de Carvalho Filho, Sadae Chiba, Anélia Barroca, Yoko Kawahara, Anahide, Debelian, Danilo P. Garcia, Jorge W. F. Amaro.

Até um "Jornal" ... Seria exagerado chamá-la de Jornal.

"A Semana" foi um boletim informativo que circulou 5 dias seguidos com notícias de interesse para os semanistas e servindo como órgão de divulgação da Semana. Foi uma realização dos redatores de "O Bisturi"

A Comissão Organizadora

São responsáveis diretos pelo sucesso da VIII Semana os colegas: Antonio Sesso, Sylvio Sarai-



Flagrante tomado durante uma das concorridas sessões da VIII S. B. D. C., Henrique W. Pinotti defende seu trabalho.

balho. Graças a feliz escolha destes professores, os seus comentários se caracterizaram por um tom amigável, compreensivo e estimulante, embora não deixassem de conter uma análise fria, objetiva e rigorosa do trabalho.

Nossa Faculdade

Tanto pelo número como pela qualidade, os nossos trabalhos se sobressairam sempre. Não daremos aqui a relação dos trabalhos porque esta será apresentada numa edição da "Revista de Medicina" Citaremos apenas a título reconhecimento e estímulo, os nomes daqueles que contribuíram para a boa representação de nossa Faculdade neste certame nacional, apresentando trabalhos ou neles colaborando: Oscar S. de Souza Lopes, Djalma O. Pinto, Synésio O. Borges, Antônio N. Saratani, Renato D. Frederico, Teresinha J. B. Cardoso, Kanto Kamei, Evaldo H. de L. Mello, Anói C. Cordeiro, Edward A. de Paula, Sergio Dohi, Juljan Czapski, Olga Oguime, Roberto Godoy Moreira, Cláudio H. Ferreira, Luiz M. Andreoli, Reinaldo de B. Costa, Milton Zaidan, Norma Wollner, Therezinha R. Ferreira, Italo A. Lorenzi, Doris M. Andrade, Maria Aparecida S. Cesar, E. Armelin, Antonio Sesso, Joamel va, Henrique Walter Pinotti, Ha-

roldo Lopes de Carvalho, Danilo Prado Garcia, da FMUSP; José Cassiano Figueiredo, Zali Cundari, Luiz Octávio Ramos, Dirceu Vieira dos Santos, Jacob Tarasanche, da EPM.

Programa Social

Constou de: passeio à Santos, visita do Museu de Arte Moderna, almoço na "Squibb", espetáculo teatral, coquetel na Endoquímica, baile de Confraternização.

A pesar de tudo isto houve quem criticasse. Por isto a comissão esclareceu que este programa não foi mais ampliado pelo simples motivo de não haver mais tempo. No entanto nada ficou a dever em relação às Semanas anteriores.

Outros Detalhes

Deixamos a apreciação de outros aspectos da VIII SBDC para a Sessão "Um fato em foco".

Também a espetacular Sessão sobre Ensino Médico está amplamente focalizada na Sessão dedicada àquele assunto.

Conclusão

Vamos fazer trabalhos científicos! Vamos brilhar na IX Semana para isto é bom começar já.

W. K.

LEMBRETES

1 — Você também pratica a ordem japonesa ao ler um trabalho científico?

- 1.º: a bibliografia.
- 2.º: resumo.
- 3.º: o trabalho propriamente dito.

2 — Pense no significado de uma eleição livre.

Vote; mas pense bem antes.

3 — O Brasil precisa de honestidade antes de tudo.

Pense nisso ao dar seu voto.

4 — Reaja energicamente contra quem danificar a sede. Ela é de todos. Ninguém tem o direito de estragá-la.

5 — Congregação Acadêmica ou Conselho de Estudantes.

Dois nomes para um mesmo ideal: tudo por um estudante melhor, uma Faculdade melhor, um Brasil melhor.

CTA

Você pode assistir às reuniões do C. T. A.

Parece mentira!

O impenetrável CTA franqueou as suas reuniões aos alunos. Como espectadores, em princípio. Mas qualquer sugestão ou opinião poderá ser emitida, devendo apenas ser solicitada a devida permissão.

Uma atitude elevada, sem dúvida, dos dignos membros do CTA.

Demonstraram interesse pela opinião do aluno, confiando em sua capacidade de compreender os problemas da Escola e em seu comportamento diante deles, mostraram que nada tem a esconder, pois que agem aberta e claramente.

SINCERAMENTE PARABENS.

Agora é momento de mostrar que merecemos esta confiança. Isto é com você, caro colega. O horário das reuniões do CTA será previamente afixado no quadro de avisos da Faculdade. Mais não diremos.

Isto foi um boato que correu pela Faculdade.

Portanto; parece mentira e é mesmo.

Mas não precisaria ser. E talvez dentro de algum tempo não seja mais. Afinal, tudo evolue, tudo progride. Porque só o sistema de administração, posição do aluno da FMUSP, deveriam permanecer eternamente estagnados?

Procure saber que será a CONGREGAÇÃO ACADÊMICA. E verá que temos esperanças.

ENSINO MÉDICO

Conclusão da últ. pág.

estudante de medicina precisa ser selecionado; sua vocação deve ser pesquisada no vestibular, porque antes do «técnico» está o «homem». O médico ressentido de cultura humanística; 2) — Anatomia: ensino em moldes já ultrapassados; 3) — Distância professor-aluno: O professor não tem tempo para o aluno porque leciona em três ou quatro Faculdades ao mesmo tempo! 4) — Falta de recursos materiais: estudante é pobre.

5.º) Paraná — Itamar Wugman — 6.º ano.

Falando em nome pessoal o colega Itamar afirmou: «No Paraná não há ambiente científico: pouca gente sabe o que é pesquisa», e exemplificou: «Um professor pediu verba a um Diretor para completar a coleção de Revistas Científicas. O Diretor respondeu: Pra que comprar revista velha! Compra novas!»

O atraso do ensino reflete o atraso do Brasil. Ainda estamos no regime do «magister dixit»: temos que decorar a apostila do professor.

As Faculdades não ensinam a pensar; não ensinam a fazer análise crítica; só obrigam a decorar.

Três seriam as razões principais desta situação. 1.a) — Falta de material humano: a desatualização, a mumificação é um fato incontestável. 2.a) — Falta de verbas: 5% da receita nacional para ensino num país com 70% de analfabetos! Nas escolas médicas traduz-se por falta de enfermarias; no Paraná não há um Pronto Socorro adequado: o SAMDU faz sua «reboterapia» e só. 3.a) — O desinteresse dos irresponsáveis, tanto mestres como estudantes; quem sabe, por exemplo, qual conteúdo da nova lei do ensino que anda pelas câmaras?!

Para ganhar a MAC-MED

Não adianta torcer no dia. E' preciso treinar antes. Então vamos à pista, à quadra, à piscina, à rala, mesmo ao cavalo. E já vamos tarde. Mas antes tarde

Conclusão: «Quem entra numa Faculdade Médica do Brasil, corre sério risco de sair médico».

Deixaremos as declarações dos colegas de Porto Alegre, Bahia, E.P.M. e da F.M.U.S.P. para próximo número, pois há ainda muita coisa interessante e transcreveremos agora comentários dos professores presentes, os quais também completaremos no «O Bisturi» de Setembro.

Prof. Zeferino Vaz: Prof. de Parasitologia; Diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

1) — Transformação completa da Medicina nestes últimos 20 anos (com o advento de antibióticos, quimioterapias progresso da nutrição) ao passo que o Ensino é o mesmo que 20 anos atrás.

Assim a Microbiologia e a Parasitologia deveriam ser dadas em 6 meses, mas ainda se ensina, como há 20 anos; que o «Ancilóstoma» tem um raio dorsal assim ou assado na bolsa copuladora, quando tudo isso devia ir para o «raio que parta». Não interessa ao médico moderno, que precisa ouvir falar em anemia ferropriva, etc..

Assim também a Bioquímica, e não a Anatomia, Histologia estáticas, deve ser base da Patologia e Medicina.

2) — «O aluno de hoje é como um útero de prostituta: recebe mas não concebe». E' vítima de um ensino decorativo; não se lhe solicita a capacidade criadora; apenas decora; não se faz um ensino motivado como se faz na atual Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Ali, por exemplo, na Histologia, os alunos fazem experiências com ratos: observam as consequências de uma hipofisectomia, de nefrectomia então irão com novo interesse ao microscópio conhecer a estrutura daquelas glândulas tão importante. E' o ensino motivado.

Assim em Parasitologia, os estudantes vão fazer inquérito coprológico nos escolares, por exemplo, e compreendem e gravam então a realidade do problema objetivamente. E se interessam pela epidemiologia; e pelo tratamento; pelo diagnóstico. E' o ensino motivado.

Em seguida Prof. Zeferino faz as seguintes críticas diretas aos estudantes:

a) O Ensino Superior no Brasil é gratuito, apesar da miserável situação econômica do país. Uos E. U. A.,

com toda sua riqueza, o ensino não é gratuito o estudante trabalha como garçon, como porteiro, não se envergonhando de qualquer serviço, pois precisa ganhar para pagar seu microscópio, seus livros, etc..

b) «O estudante não tem direito à greve!» Ele tem o dever, não direito de estudar! Uma greve apresenta um prejuízo geral, coletivo, pois é o povo que paga a Faculdade, os professores, os funcionários, e o estudante não tem direito de esbanjar esse dinheiro!»

Permita-nos, Prof. Zeferino Vaz, repetir agora duas perguntas que naquela ocasião dirigimos à mesa mas que não foram respondidas:

1) Nos E. U. A. as condições econômicas, as condições sociais, o custo de um microscópio, o vencimento de um garçon, são comparáveis aos do Brasil? (Eu me lembro que Mesa afirmou que o Brasil está atrasado 50 anos em relação àquele país...)

2) Não se justifica uma greve quando seus prejuízos materiais à coletividade são amplamente superpujados pelos prejuízos materiais e morais à mesma coletividade que a greve combate, e pelas vantagens materiais morais que sua vitória acarreta? (Pressupõe-se como evidente, que antes da greve tenham se esgotado praticamente todos os recursos legais).

Para próximo número, temos «pilulas» como estas:

«O estudante deve ser admitido ao C.T.A. como elemento consultivo» — Jairo Ramos.

«No livro se encontra o doente; no doente não se encontra o livro» — Uilhoa Cintra.

«A vitalidade da Cátedra é má» — Jairo Ramos.

«O Professor que não dá aulas, perde o direito à cátedra: isto é lei» — Jairo Ramos; e muitas outras...

NOTA: E' possível, que apesar de nosso máximo esforço em apresentar fielmente as idéias de cada orador, a necessidade de resumir as anotações apressadas, nos tenham levado à alguma omissão ou incorreção mais grave.

Se for o caso, estamos as ordenas para publicar qualquer explicação ou emenda, e de ante-mão apresentamos nossas excusas.

WILLY KENZLER

O emblema que distingue introdução exclusiva medicamentos éticos de entre médicos



LABORATORIOS ANDRÓMACO

São Paulo

Rio de Janeiro

Porto Alegre

Rua Independência, 706

Rua Moncorvo Filho, 101

Av. Alberto Bins, 681

Zé Bronquinha...

Feira Livre!...

A propaganda de produtos farmacêuticos, sem dúvida alguma, deve ser feita, bem feita e de um modo bastante diferenciado. Qualquer outro ramo industrial, pode lançar mão dos mais diferentes meios de propaganda, fazendo estardalhaço colocando letreiros em coletivos etc., mas o de produtos farmacêuticos, não! A maior venda deste ou daquele preparado depende de uma propaganda bem feita junto ao médico e estudante, e especialmente da eficácia do mesmo.

Há um laboratório, aliás orgulho nacional, no seu ramo, com ótimos produtos sem dúvida, mas com uma orientação sob o ponto de vista de propaganda, que deixa muito, mas muito a desejar. Todas as quartas-feiras, aparecem seus "asseclas" (bons rapazes, que cumprem honestamente sua obrigação) nas portas do Hospital das Clínicas, procurando ou melhor "assaltando" todo médico que chega... Este, como sempre, está atrasado, e corre para "bater o ponto... tem que parar para dar um pouco de atenção aos "homens das caixinhas" Recebe então, meio irritado, 2 ou 3 amstras, que carrega na mão! Na hora de bater o ponto... pronto... lá foi um remédio para o chão.

Senhor chefe de propaganda, isto é paulificante.

Imaginemos, que todos os Laboratórios de produtos farmacêuticos de S. Paulo, tomem a mesma orientação... Teríamos quotidianamente uns 200 propagandistas, uns 100 caixotês, transformando as vias, de acesso ao Hospital das Clínicas em verdadeira feira livre. Haveria um barulho mais ensurdecedor que o dos últimos filmes italianos.

A propaganda farmacêutica não deve ser feita na rua, e sim dentro de Hospitais e Consultórios. Caro chefe de propaganda, adote o mesmo critério prático e semelhante à maioria: Contrate um ou dois estudantes de Medicina, e a sua propaganda se tornará mais eficiente e mais simpática. Há quem diga que o estudante-propagandista não trabalha! Mentira! O estudante de Medicina no intervalo de aulas, trabalha, procura o médico nas salas de estar, de café e vestuário, não o atrapalhando. Todo laboratório que mantém um estudante propagandista, além de se beneficiar, com boa propaganda, ajuda a manutenção do estudante, auxilia a formação de novos médicos, ajudando assim o Brasil na sua luta para um futuro com menos doentes.

Temos razão, ou não?

ZÉ BRONQUINHA.

Um clube de médicos e estudantes!

Relatório do Presidente do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", referente ao período de junho-agosto de 1954.

Durante o intervalo de tempo que decorreu entre a publicação do último número do nosso jornal e o presente, a Diretoria do C.A.O.C. conseguiu seguir seguinte orientação nos seus problemas.

1. Bar — Conseguimos manter os preços, muito embora tenha havido um aumento alarmante nos gêneros de primeira necessidade. Aquilo que há dois meses publicamos como caráter experimental, ou seja preço do almoço, ainda estamos conservando ao preço de Cr \$ 10,00. Queremos também fazer um agradecimento ao colega Paoliello pela dedicação que vem mostrando no desempenho de suas funções de administrador do Bar. No dia 7 de agosto houve o encerramento da VIII Semana de Debates, e o Bar permaneceu aberto, dando um movimento de Cr \$ 7.000,00 mais ou menos, graças aos esforços do dirigente do Bar.

2. No dia 5 conseguimos entregar a nossa Sede aos colegas, e a manifestação expressa por todos aqueles que visitaram e visitam a nova Sede é uma prova de que a Diretoria conseguiu realizar o item X do seu plano traçado, como informamos em relatório anterior. Gostaríamos, nesta oportunidade, de pedir aos colegas o máximo de zelo por aquilo que pertence a todos nós.

3. Com relação ao Estádio, o colega Walderez tem trabalhado bastante no sentido de conseguirmos as melhoras programadas. No início do ano enviamos uma circular a todos os ex-alunos da Faculdade, com o objetivo de angariar fundos para reforma do Estádio. Os resultados têm sido bons. Hoje estamos imbuidos de uma nova idéia, ou seja,

pretendemos fundar um Clube que tenha sua praça de esportes no Estádio, e como associados os alunos e ex-alunos.

Esta idéia nasceu de uma série de queixas feitas por ex-alunos da Escola, sendo todos unânimes em referir que, depois de formados, encontram um ambiente diverso daquele que conheciam ao frequentar o Estádio como estudantes. Parecem estranhos ao meio, não conhecendo ninguém, etc..

Por outro lado, há mais de 20 anos o Estádio não sofre uma reforma, por falta de possibilidades financeiras. Considerando ainda que todo estudante de hoje será um médico amanhã, este Clube traria uma grande soma de benefícios:

a) reforma urgente do Estádio;

b) situação boa para o estudante atualmente possibilidade de no futuro poder continuar frequentar a nossa praça de Esportes;

c) maior entrelaçamento entre alunos e ex-alunos.

O esquema da idéia é mais ou menos o seguinte: O aluno, sócio do CAOC, usufruiria de todos os direitos, não tendo de pagar nada além da anuidade do Centro. Haveria uma categoria de sócios remidos, que dariam o capital inicial para reforma. A outra categoria seria a de sócio contribuinte, e todo doutorando ao se formar entraria para esta última categoria.

Esta idéia será levada à Assembléia, afim de ser ou não aprovada.

Presidência do C. A. O. C., 20 de agosto de 1954. a) Luis Baccalá.



CAMINHO PERIGOSO

Eis um flagrante tirado na ocasião em que os alunos do 5.º ano se dirigiam para uma aula de medicina Legal. A "trilha" lamacenta merece um pouco mais de cuidado. Porque não é cimentada aquela abandonada "picada"?



TESOURARIA DO CAOC

Por absoluta falta de espaço damos um resumo do movimento de tesouraria que nos foi enviado pelo colega Mario Cinelli:

MAIO e JUNHO — Saídas: 85.234,00. Entradas: 142.967,00. Saldo: 57.733,00.

JULHO — Entradas: 5.150,00. Saídas: 17.361,70. Deficit: 12.211,70.

O balanete detalhado está a disposição de quem se interessar com a direção do jornal.

COMO SURTIU A NOVA SEDE ?

Para responder a esta pergunta que pode ter surgido na mente de muitos colegas, procuramos os seus executantes. Do colega Mario Cinelli, recebemos a seguinte resposta:

Como surgiu a nova sede?

Procurados que fomos pela Diretoria de «O Bisturí», com a pergunta «Como surgiu a nova sede» a melhor resposta talvez seja contar sucintamente tudo o que sucedeu.

Quando o colega Pérsio foi nomeado Diretor da sede, pôs-se ao trabalho e estabeleceu 2 orçamentos para a reforma da mesma: um, contemporizador de Cr \$ 50.000,00 e outro, total, de Cr \$ 150.000,00. Eram somas astronômicas! Pensamos, então, no modo de conseguir essa importância.

Conhecidos que éramos do Deputado Estadual Alfredo Farhat, procuramos-o. Atendeu-nos cortezmente. Expusemos-lhe a razão fundamental de nossa visita.

Primordialmente deu-nos Cr \$ 150.000,00 da verba destinada aos deputados. Perguntou-nos, depois, da possibilidade de auscultarmos a opinião dos colegas, sobre esse auxílio, por meio de uma Assembléia. Explicamos ao Dr. Alfredo a impraticabilidade de tal medida, uma vez que isso implicaria num compromisso formal do Centro Acadêmico com ele, na sua qualidade circunstancial de candidato. O Cen-

tro, por força de seus Estatutos não poderia tomar uma posição política. No entretanto, pessoalmente nada nos impedia de tomarmos com ele um compromisso moral e explicamos que, sem dúvida, a sua compreensão aos problemas dos acadêmicos de Medicina repercutiria da melhor maneira possível no seio de nossa Faculdade.

A verba viria do Tesouro do Estado e como este é um devedor relapso, o dinheiro só estaria em nossas mãos, em Outubro. Diante da urgência do nosso problema, levamos ao Governador, conseguiu-se um empréstimo do Estado, cujas amortizações mensais provenientes dos juros cobrados pelo Banco serão por ele pagas.

Isto permitiu que, ainda em Julho, pudéssemos executar a reforma de nossa sede, vesti-la com uma nova roupagem e realizarmos um de nossos sonhos.

Cinelli.

Calar é concordar passivamente. Discordar é concordar ativamente.

Vai o grande, sem reparar, em companhia do pequeno. O mediocre vai sozinho.

Se cerrares a porta a todos os erros, impedirás a Verdade de entrar.

Rabindranath TAGORE.

Tota Vit - aminização
das Vitaminas

13 vitaminas + Extrato de fígado + 6 sais minerais = **TOTAVIT**

Apresentação: 30 drágeas de vitaminas (verdes)
60 drágeas de sais minerais (amarelas)

Modo de usar: 1 drágea verde e 2 amarelas, duas vezes ao dia.

LABORATÓRIOS BIOSINTÉTICA S. A.
RUA ALBUQUERQUE LINS, 1132 — SÃO PAULO

tão esplêndida companhia, sinto-me feliz. Sonhamos esta Faculdade, como a casa de seus alunos, que a ela voltam periodicamente depois de médicos ou a contribuírem com seu esforço para sua grandeza ou para aqui se atualizarem nos progressos incessantes da profissão. Aluno que fui da casa de Arnaldo, orgulho da cultura latino-americana, aqui estou para zelar a memória do grande mestre que lhe estruturou as vigas básicas de sustentação e lhe deu os impulsos para as alturas e glória em que se vê. Regosijo-me de pertencer a esta casa. A Faculdade de Medicina, disse-o com razão Flamínio Favero, venceu pela tarefa já cumprida, pelas realizações científicas e docentes de sua lavra, pelos filões de ouro, magníficos, que descobriu e criou ao seu redor e pelo prestígio sem par que soube edificar.

A terceira razão está nesse conjunto imponente que é a própria Faculdade, com o seu Hospital das Clínicas. Este último o vi nascer e crescer. Pude sentir o trabalho dos operários que lhe argamassavam os fundamentos. E' preciso, agora, integrar cada vez mais a Faculdade no seu magnífico hospital, plenamente aparelhado para todas as suas finalidades e onde o aluno aprenderá a medicina viva que poderá, aplicar então, na prática corrente.

Meus senhores:

Sinto-me, hoje integralmente feliz. E não há felicidade comparável à daquele que, mercê de Deus, realizou e exerceu serenamente a sua profissão e cuja carreira decorreu sem transigências ou abdições. A maior riqueza que o homem adquire é aquela acumulada sem saber, no desempenho digno de sua profissão e a serviço da comunidade a que pertence.

Volto a trabalhar na Faculdade de Medicina, animado dos melhores propósitos de bem servir ao ensino e à pesquisa. O contato com os alunos refresca e lava a alma humana, no dizer de Aloysio de Paula. "Mais o homem vai vivendo, mais se gravam nele o desencanto e a decepção. A infância e a mocidade nos devolvem, porém, a vida em sua pureza inicial e o contato com as fontes da vida é o grande elemento de equilíbrio com que o homem maduro procura compensar o que a sua lucidez não lhe permite mais ignorar. A fragilidade humana, a corrupção e a impostura avultam com a idade. Mais o indivíduo cresce, mais é ele solicitado a se trair e a negar os compromissos que tem para consigo. Uma das mais árduas tarefas do homem contemporâneo é a defesa de sua integridade, de seu mundo interior e de sua inviolável personalidade. A vida moderna consagrou certas fórmulas contra as quais precisamos estar em guarda".

Sempre os estudantes mereceram de minha parte todo o apoio e incitamento em seus estudos. Acho mesmo que certos professores não dão a assistência necessária a seus alunos. Ora, a distância entre o mestre e o discípulo, disse-o com razão Aloysio de Paula, "deve ser vencida, aula por aula, pelo calor da ternura humana e pela responsabilidade comum com que ambos encaram os problemas do homem presa da doença. Nenhum professor será digno deste nome, si não conseguirmos criar esta misteriosa corrente que dê parte para os alunos, às vezes fria e seca, e volta carregada de dúvida, de interesse, de especulação e de incerteza. Em cada aula um mistério se

renova e na comunicação entre professor e aluno reside a verdadeira qualidade do magistério. A aula é um diálogo onde uma das vozes é muda; mas que força e que expressividade a dêse silêncio!"

Devo referir que vou procurar no Depto. de Microbiologia atender o ensino e a pesquisa de modo equivalente. Ninguém nega o valor da pesquisa como elemento decisivo para o progresso da ciência e para o próprio ensino, mas devemos atender primeiramente que somos professores em uma Faculdade de Medicina, tendo sob a nossa responsabilidade alunos que necessitam para a sua vida profissional, de preparo técnico adequado. Ao lado desse ensino objetivo e prático, devemos estimular o aluno à pesquisa científica. A tarefa do professor tem sido drasticamente mudada, pelo progresso da ciência. A medida que as funções do professor se tornaram mais difíceis, as críticas se intensificaram. Hoje é ele acusado de estar tão absorvido no progresso científico do seu assunto, que perdeu de vista o verdadeiro objetivo do seu ofício, isto é, o preparo, o treino de médicos. Ele é censurado por ignorar o "paciente como um todo, desprezando, igualmente, os aspectos sociais e psicológicos da doença.

Precisamos ensinar aos alunos os princípios básicos da medicina, que são relativamente estáveis. Somente o conhecimento baseado nesses princípios é suficientemente permanente para auxiliar o médico moderno na sua interminável tarefa de acompanhar a medicina. Na realidade, todos nós, membros da Faculdade, devemos ser continuamente lembrados da nossa obrigação de ensinar estudantes de medicina, pois das qualidades daqueles que graduamos dependerá o futuro da medicina brasileira.

A educação profissional do médico não termina nunca; obrigado a seguir uma carreira sem fim, a profissão médica, conforme assinala Wright, é prisioneira de seu próprio êxito, já que a necessidade de um treinamento constante não deixa tempo para mais nada: Corre-se o risco de ir deixando, sem cultivo, as outras facetas do espírito, de ir mutilando a personalidade. Este é um sacrifício doloroso!

Deve-se exigir do médico o exato e perfeito conhecimento de sua profissão. Muitos dos diplomados por esta Faculdade vão para o interior, exercer ativamente a medicina, conhecendo os dramas da terra e da gente que a habita apreciando a figura do nosso homem do interior, identificando-lhe as doenças e se nós não propiciamos a esses estudantes, futuros médicos, os conhecimentos que ele necessita para a sua vida prática, a Faculdade não estará cumprindo o seu dever. Muitos colegas não levam na devida consideração este fato, porque geralmente não sentem o problema, vivendo em seus laboratórios, úteis que são, igualmente, ao desenvolvimento da medicina.

Temos elementos em nosso meio, mais do que suficientes, para proporcionar aos alunos um ensino de padrão elevado. De um passado bem remoto, mas coberto de sombras, a medicina vem se transformando radicalmente, baseando-se e se apoiando, cada vez mais, em princípios experimentais e científicos. Transformou-se de tal forma que, comparada com a de alguns séculos passados, tem-se quase a impressão de outra medicina.

Falam os Professores

(Continuação da 1.ª pág.)

Claude Bernard queria a medicina experimental; o mundo todo o acompanha.

A pesquisa científica, em busca de novos conhecimentos, diz Rocha Lima, é sem dúvida a forma de atividade intelectual que, em mais alto grau, possui a capacidade de educar o discernimento e reforçar a clarividência do espírito, fortificando e desenvolvendo-lhe as qualidades essenciais para o sacerdócio da ciência. A conquista da verdade nova, afirma Ramon y Cajal, constitui sem dúvida, a ventura maior a que pode aspirar o homem. "Os afagos da vaidade, as efusões do instinto, as carícias da fortuna, empalidecem ante o soberano prazer de sentir, como brotam e crescem as azas do espírito e como, ao compasso do esforço, superamos as dificuldades e dominamos e rendemos a natureza esquiua.

Fortalecido com este edênico sentimento, refere o eminente pesquisador patricio, o homem de ciência desafia até a injustiça. Não influirão no seu espírito o silêncio deliberado dos seus êmulos, que muitas vezes, como disse Goethe, fingem ignorar o que desejam permaneçam ignorado, nem a incompreensão do ambiente, nem o esquecimento das instituições oficiais".

Os médicos e este é o fato fundamental que eu desejo realçar em meu discurso de posse, necessitam de uma dupla disciplina — a científica e a técnica para caminhar em sua profissão. A parte técnica é de tal modo indispensável que sem ela pode-se ser sábio, porém, não médico. Este não pode ficar rico de doutrinas, somente com a disciplina científica, porque então será um investigador, mas nunca um médico. E a medicina é um instrumento ao serviço imediato do doente e um escudo de defesa da saúde coletiva. Tentar a cura do caso individual e buscar a proteção da saúde coletiva constitui a principal finalidade do médico. O que se deseja em uma escola médica, é Chavez quem o afirma — é que o profissional por ela diplomado possua conhecimentos básicos, de toda a medicina, que esteja educado na disciplina científica e que se complete com o auxílio de uma boa técnica, que cultive amor aos estudos, e que tenha respeito pela ciência e pelas normas éticas de conduta em seu trabalho.

Uma escola médica é, antes de tudo, uma escola onde se adquire uma profissão, disse-o com razão o Prof. Samuel Pessoa: o ensino deve, pois, ser ministrado, essencialmente, com referência direta a fins profissionais. Este fato não implica no descuramento do estudo teórico das ciências, mas é preciso que o professor saiba associar as duas coisas, a fim de

que o futuro médico, excessivamente rico em conhecimentos científicos, saiba também solucionar com perfeição os casos clínicos ou cirúrgicos que aparecem. E' preciso, pois, atender a essas duas necessidades: este é o mérito do verdadeiro professor.

Transformar uma Faculdade de Medicina em centro exclusivo de pesquisa, não fornecendo aos alunos os conhecimentos que ele necessita para o bom desempenho de sua atividade profissional, constitui objetivo condenável.

Ao lado de um ensino eficiente, cumpre ao professor o dever de pesquisar, formando e desenvolvendo novos valores humanos, capazes de conquistar e assegurar para o nosso país, nível de cultura elevada.

O ensino superior não se deve reduzir somente à ação didática, às aulas e aos exames, mas deve produzir ciência nova, acrescentando alguma coisa ao patrimônio da ciência universal.

Ciência, diz o Prof. Rocha Lima, não se compra feita. E' preciso cultivá-la em próprias terras. Mas é preciso praticar uma ciência legítima, que orienta, que fecunda, que realiza, pois em nosso meio esporulam os "falsos cientistas", distribuidores de palpites, com autoridade fictícia, "donos da ciência", alguns "políticos da ciência".

E' indiscutível, diz Reis, que existe em nosso país uma "ciência de consulado" São criaturas, de valor maior ou menor, que manifestam acentuada tendência para cultivar relações sociais com grupos ligados ao estrangeiro e mesmo nacional, e tais criaturas são logo apontadas como o que de mais fino possui o país.

Sou recebido na Congregação da Faculdade de Medicina de São Paulo pelas mãos de meu mestre e amigo Prof. Aguiar Pupo.

Devo preliminarmente registrar os meus agradecimentos aos Professores Ernesto de S. Campos e Floriano Paulo de Almeida, pelo apoio que deles constantemente recebi. Principalmente a Floriano de Almeida, meu mestre e meu amigo, devo o ingresso na Faculdade, onde exerci o monitorado e o cargo de assistente remunerado e não remunerado, pois durante 2 anos, sem perceber qualquer vencimento, dei o curso de Imunologia aos alunos da Faculdade de Medicina.

Desde o início da Clínica Dermatológica no Hospital das Clínicas, venho colaborando com o Professor Aguiar Pupo. Interessado vivamente pelos problemas da medicina científica, atento a todas as manifestações do pensamento, vem o Prof. Aguiar Pupo prestando relevantes serviços ao país, sempre com a mesma atitude recolhida, com modéstia, sem ostentações, com operosidade e com inteligência.

No Serviço de Profilaxia da Lepra do Estado, na direção da Fa-

culdade de Medicina, na Liga de Combate a Sífilis, V. S., Snr. Prof. Aguiar Pupo, tem praticado o bem, não a bondade exterior, procurada, de uso externo (no dizer pitoresco de Almeida Prado), mas a bondade integral, aquela que vem do coração bem formado e das intenções retílineas. V. S., pela modéstia e elevação moral, títulos que abrem o caminho na vida, faz jús as homenagens que hoje eu lhe presto, com a maior espontaneidade e amizade.

Ao assumir a cátedra de Microbiologia, desejei externar sumariamente o meu ponto de vista a respeito da evolução atual da medicina e da formação profissional dos médicos, assim como do ensino da especialidade que vou ministrar na Faculdade de Medicina de São Paulo. Exercí durante vários anos, sob regime de tempo integral, o cargo de assistente de Microbiologia e Imunologia; posteriormente ocupei a direção de uma das seções científicas de um grande laboratório de produtos biológicos e dessa colaboração com a indústria, vendo e sentindo problemas novos, minha formação científica foi enormemente favorecida. Não perdi, igualmente, contato com os doentes, pois é nas enfermarias que se aprende a verdadeira medicina.

Posso, pois, no momento atual, ver o problema do ensino médico sob um prisma bem diferente daquele analisado por quem não viveu e não sentiu realmente os seus problemas. Como homem de laboratório, quero afirmar que há um erro de apreciação e também um pouco de petulância ao se acreditar que a medicina adquire valor científico somente na medida em que intervém o laboratório; Laennec não necessitou do microscópio para estabelecer a doutrina unicista das lesões tuberculosas. Aliás, as demasias da especulação biológica em suas tentativas de aplicação à clínica, fez com que José de Letamendi formulasse o dito famoso que re-

(Conclui na pág. 8)

CONCURSO DO D. C.

O Departamento Científico, no sentido de modernizar e melhorar o padrão de sua "Revista de Medicina", resolveu instituir num concurso de desenho, para sua capa. Poderão concorrer todos os interessados, que devem entregar o desenho definitivo, feito em papel brilhante branco, no máximo com duas cores e assinado com pseudônimo. Um envelope fechado, deverá conter a revelação do nome do candidato. O prazo máximo de entrega é dia 30 de setembro próximo e o local para entrega é o Departamento Científico, no horário das 14 às 17 horas. Os trabalhos serão julgados por uma comissão a ser convidada, que distribuirá o prêmio de Cr\$ 500,00, ao primeiro colocado e um certificado.

NOVATROPINA

Laboratório **STEG** Sintético

FILINASMA

O que eu vi no XVII Congresso da U.N.E.

RELATÓRIO DE ADELÔNCIO F. S. ANTANHA

Tentaremos mostrar aos colegas o que vimos no XVII Congresso Nacional de Estudantes, e não o que ouvimos, o faremos honestamente, narrando os fatos como foram eles e como tudo sucedeu.

A acolhida que tivemos foi magnífica, na não menos magnífica Universidade Rural, Km. 47 da Via Dutra. Aquilo é um exemplo digno de ser imitado, é a prova cabal do que é capaz a união, o espírito de classe, a cooperação eficiente. Não poderíamos descrever com poucas palavras a magnificência de tudo aquilo.

O Congresso em si..., bem vemos o que aconteceu.

Felizmente, nem tudo foi política. Apesar da afirmação de muitas das pessoas que lá estiveram. Se só viram política no Congresso, foi porque não quiseram ver o trabalho profícuo que lá se realizou.

Sessões Plenárias: — Nestas, ao lado de indivíduos que só se preocupavam com assuntos políticos, notava-se a presença daqueles que queriam trabalhar estes se faziam notar de maneira inofensível.

Algumas sessões não se realizaram por falta de tempo (?).

COMISSÕES:

I — PROBLEMAS ESTUDANTIS

Fizemos parte desta Comissão, da qual fomos relator.

Foram aprovadas 10 teses 17 proposições, todas de grande interesse. As teses versaram sobre criação de Universidades, Faculdades, aumento da dotação orçamentária destinada ao Ministério da Educação e Cultura, redução de taxas escolares, condução própria para estudantes do Serviço Social que não dispõem de meios suficientes, repúdio à criação da "Carreira de Fiscal de Imposto de Renda", Federalização de Faculdades, etc.

A tese de nossa bancada, do C.A.O.C., por nós apresentada (Assistência Médico-Hospitalar ao Universitário) foi aprovada por aclamação e com um voto de louvor, como já havia ocorrido no Congresso da U.E.E.

Dentre as proposições, destacam-se aquelas que tratam da solução do problema relativo a livros didáticos, remuneração dos estagiários do Serviço Social, e solução urgente para o caso de 2 estudantes de Medicina do Ceará que, em pleno gozo de seus direitos e estando satisfazendo todas as exigências legais, foram impedidos, pelo Diretor de sua Faculdade e pelo C.T.A. da mesma, de prestarem exame de 2.ª chamada.

II — COMISSÃO DE RELATÓRIO DA DIRETORIA

Destacam-se no parecer final desta Comissão, os seguintes itens: — 1) a UNE quase não apresentou realizações concretas; 2) a UNE negligenciou em muitos casos de real interesse do estudante;

3) voto de pesar e lástima pela indiferença como foram encaradas as Secretarias Especializadas da UNE.

Foi criticado pela Comissão, o modo pelo qual foi apresentado o Relatório da Diretoria, quando o presidente da UNE, sr. João Pessoa de Albuquerque, desejando justificar sua pouca atuação, ataca fortemente as entidades estudantis filiadas à UNE, alegando a falta de cooperação destas.

III — COMISSÃO DE ENSINO

Destaca-se nesta Comissão, a tese apresentada pelo colega Neif Safad da Filosofia de São Paulo, que trata da representação do cor-

po discente no Conselho Técnico Administrativo (CTA).

Uma outra da Bahia, versa sobre a vitaliciedade da Cátedra.

IV — COMISSÃO DE PROGRAMA MÍNIMO

Foram, em resumo, os seguintes tópicos principais aprovados: — Reivindicação de eleição direta dos reitores e diretores pelos Conselhos e Congregações, excluindo a participação de poderes estranhos a eles; procurar obter e atender às necessidades essenciais de habitação e alimentação condignas para o Universitário. Manter a independência frente ao governo e defender a indiscriminação na manifestação de pensamento da classe, transferidas as divergências ideológicas do campo do preconceito para o do debate; lutar pela aproximação entre os Universitários do mundo inteiro, incentivando o intercâmbio cultural e científico com os colegas de outros países, respeitando e fazendo respeitar a Constituição da UNE; pugnar pela necessidade de um planejamento adequado da exploração de nossas riquezas e fontes de energia, bem como condenar os trustes internacionais.

As teses aprovadas passam para o programa de administração.

V — COMISSÃO DE DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

Reclamam da Declaração de Princípios, a união da Classe Universitária, para a consecução dos ideais comuns, reconhecem a necessidade de aproximação e entendimento entre os estudantes de todo o mundo, como prova de propaganda e assimilação da Cultura, no sentido mais geral, sadio e profundo. Preconizam a politização do povo brasileiro e da classe e afirmam a "imperiosa necessidade de um entrosamento da

política com a economia sob os princípios de moral, objetivando e auto-determinação dos povos".

VI — COMISSÃO POLÍTICA

Esta Comissão fixou diretrizes para Declaração de Princípios e aprovou 2 teses de valor: — a Questão Municipalista e o Ensino, e "O Momento Histórico"

Dentre as recomendações para a aprovação de moções, destacamos: — criação dos Conselhos Federal e Regionais de Química; pelo voto unitário; inconstitucionalidade da "Emenda Dario Cardoso", que proíbe o registro de candidaturas a postos eletivos sob o pretexto discriminatório de ordem ideológica. Esta emenda vai contra o § 8.º do art. 141 da Constituição da República ("ninguém será privado de seus direitos por motivo de convicções políticas-partidárias, religiosas ou filosóficas"). A Emenda foi rejeitada.

POLÍTICA:

Política, sim! Será que se realizaria um Congresso sem haver política? Duvidamos muito.

Batalhava-se, lutava-se desde o início, pela UNIDADE Nacional, dos Universitários em torno de um programa comum de trabalho, posições e reivindicações acima de todas as divergências ideológicas e interesses pessoais, como único meio de defender as nossas liberdades democráticas, como único meio de constituirmos uma classe forte, prestigiada e indivisível.

E ela se impunha como uma necessidade urgente.

Ouviam-se por todos os cantos, em todos os grupos, rumores que logo se tornavam audíveis e se ouvia: Unidade!

Mas foi muito doloroso e muito triste o que assistimos no fi-

nal de tudo: a Unidade foi desprezada, foi torpedeada, vilipendiada, foi esquecida porque era necessário que os interesses pessoais se sobrepusessem, aos interesses da Classe, que as reivindicações de um grupo prevalecessem sobre a vontade da maioria.

Manifestos e apêlos pela Unidade, surgiam a todo instante. Em Sessões Plenárias reuniões de bancadas, tentava-se e exigia-se a Unidade.

Era a consciência Universitária brasileira que se evidenciava, eram os universitários que viam sentiam desfalecimento da classe, a sua desunião, a sua ruína inexorável e reclamavam pelo seu reerguimento, pela sua união, pela Unidade!

Mas..., infelizmente, indivíduos sequiosos de projeção e de vitória nas eleições da UNE, desejosos de fazerem valer o seu ponto de vista e os seus interesses, não quiseram a unidade... e ela não se fez!

Desde o começo, desde as primeiras reuniões da bancada paulista, já se falava da unidade. Nós a queríamos, primeiro com os nossos representantes, e depois com os demais colegas de todo o país. Mas, mesmo dentre nós havia os que nela não acreditavam e não a queriam, pois desejavam para si as honrarias e queriam a todo custo conseguir os seus propósitos. Não queriam se submeter à vontade da maioria.

Nossa bancada lançou um candidato que era o termo de unidade, nome que poderia reunir em torno de si, todos os elementos das possíveis facções existentes dentro da bancada paulista. Foi um candidato e um só: *Victor Augusto Fasano*. E o seu nome foi aceito por uma inegável maioria: por aclamação na 1.ª reunião

em que foi lançado, e por 30 votos a favor, 10 contra e 8 abstenções na 2.ª convocação que ratificou a decisão da 1.ª.

Mas poderia o sr. Oswaldo Lara Leite Ribeiro (presidente da UEE e líder da bancada paulista), juntamente com o seu grupo (Salinas, Wagner, Lauro Munis, Paulo Mazza, Edmundo, Brandão etc.), que era a minoria incontestada, concordar com a decisão da maioria inofensível?

Jamais!

Não concordaram, mas não discordaram. Porque? *Falta de coragem* para se oporem à vontade dos congressistas de São Paulo, presentes à Universidade Rural? Não concordaram, mas se refugiaram no acobertamento cômodo do silêncio. E com que propósitos? Daqui a pouco veremos.

Fasano foi proposto à apreciação da bancada paulista, foi por ela aceito e não surgiu qualquer outro candidato, nenhum outro nome foi ventilado.

Aceito o nome de Fasano, levanta-se sr. Oswaldo Lara Leite Ribeiro e vai cumprimentá-lo. Perceberam? O Oswaldo se levantou de seu lugar e foi cumprimentar o Fasano.

Pois bem! Por acaso vocês leram o que sr. Oswaldo e seu grupo publicaram nas "Folhas" do dia 5-8-54? Pois lá dizem o seguinte: "No momento em que o colega Fasano aceitou sua candidatura lançada pela oposição, sem consultar a bancada e nem mesmo o líder e presidente da UEE..."

Primeiro, não se tratava de oposição e situação; tratava-se isto sim, daquele grupo que queria a unidade e deste outro que não a queria.

Segundo, consultar a bancada porque? Não foi ela que escolheu o seu nome? Se ela escolheu, nele confiava e ele era o seu candidato.

Consultar o líder da bancada? Pois este não estava ciente da indicação de Fasano para algum cargo que tocasse a São Paulo? (Não participou da reunião de líderes logo após a decisão da bancada?).

E' infantil é, acima de tudo, desonesto, dizer-se que não!

Disseram, ainda, que "uma parcela de nossa corrente foi tomada de surpresa!" Ora! Tomamos de surpresa! Pois eles mesmos já haviam convidado o Fasano, aqui em São Paulo, para ser candidato. Eles, que aqui foram eleitos para o UEE, por Fasano.

Bem, aceito o nome de Fasano, o sr. Oswaldo se dirige à reunião de líderes.

No dia seguinte, ficamos sabendo que o sr. Cunha Neto era candidato à Presidência da UNE, contra Fasano!

E quem é Cunha Neto?

Diremos, inicialmente, que ele era desconhecido por grande número de congressistas de São Paulo, pois não se fazia presente nem mesmo dentro da nossa bancada. Fôra levado para o Congresso por Fasano, representando os dois o C.A. XI de Agosto. Era, (Conclui na pág. 12)

Opinião dos que se formam

Esta seção, destinada a trazer as impressões de médicos recém-formados, nossos colegas de ontem, não foi preenchida desta vez. Apesar dos muitos pedidos, parece que não têm tempo mesmo, ou não se dignam mais a escrever no jornal de estudantes. Não acreditamos nisto, confiamos nas promessas dos Drs. Belda, Broilo, Betarello, Donald, Alrosa, Freire, Cassab, Callia, Teixeira, ou na inspiração de qualquer outro para conosco as impressões, as reminiscências ou conselhos dos que se formam.

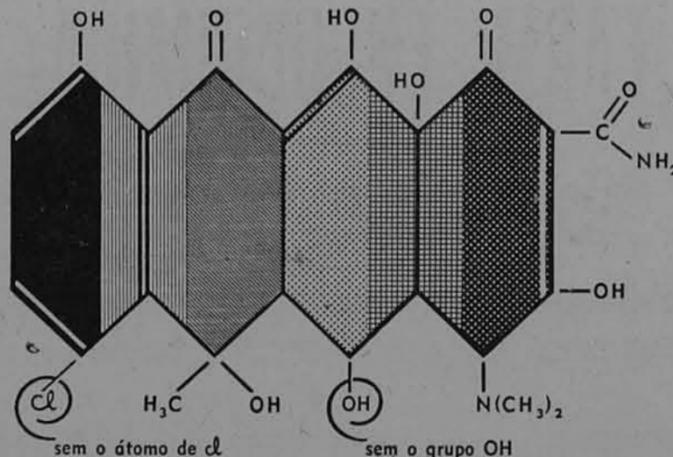
BRISTACICLINA



(tetraciclina Bristol)

PROPORCIONA INÚMERAS VANTAGENS:

- RÁPIDA ABSORÇÃO
- GRANDE ESTABILIDADE
- BAIXA INCIDÊNCIA DE REAÇÕES COLATERAIS
- ALTA CONCENTRAÇÃO NO SORO



ANTIBIÓTICO DE LARGO ESPECTRO PRODUZIDO PELA FERMENTAÇÃO DE UMA RAÇA DE STREPTOMYCES ISOLADO PELA DIVISÃO DE PESQUISAS DA BRISTOL



BRISTOL-LABOR, S. A. — Ind. Química e Farmacêutica
RUA JOÃO ALFREDO, 150 — STO. AMARO (S. PAULO)

sume uma época: "A la medicina humana le falta hombre y le sobra rana". Falta de homem e sobra de rã, eis ao que nos iam conduzindo as demasias da especulação biológica em suas tentativas de aplicação à clínica. Mas veio a reação. E Almeida Prado que com razão nos diz: "os mistérios da doença no recôndito do organismo têm que ser desvendados igualmente pela clínica, pelo que os nossos sentidos e a nossa perspicácia conseguem aprender na sensação do corpo".

Quero com estas palavras, mostrar que para nós, homens de laboratório, o contato com o doente e seus problemas é sempre necessário e vantajoso. Longe foi o tempo de se dividir ou de se separar em barreiras nítidas os vários ramos da medicina. Admitimos a especialização como resposta conciente a uma necessidade reconhecida e prática, mas defendemos, com Himsworth, a formação de um novo especialista, cuja função não seja a de segregação, mas sim, a da integração. Precisamos de médicos que não limitem demasiadamente os interesses de sua especialidade com exclusão da apreciação dos conhecimentos relevantes das outras. Tenhamos, por ex., clínicos que conheçam a bioquímica, a patologia e a fisiologia. Tais homens nunca poderão suplantar propriamente os patologistas, fisiologistas ou bioquímicos. Mas esse não é o seu papel. Eles devem ser complemento deste e o seu objetivo é ligar os diferentes campos da medicina. Esta é uma só. "Todas as ciências estão ligadas, elas prestam auxílio umas às outras, como partes de um grande todo. Como um olho arrancado ou um pé cortado, assim é com as diferentes partes do conhecimento. Ninguém pode alcançar bom resultado separadamente, pois todas são partes de uma e mesma completa sabedoria". Os limites de uma especialidade não podem ser rígidos, fixos e exclusivos.

Os conhecimentos adquiridos nas escolas médicas acumulam-se em camadas, correspondendo grosseiramente à ordem na qual os assuntos se sucedem uns aos outros. Entre essas diferentes camadas, as comunicações, porém, deixam muito a desejar. Devemos impedir a tendência para isolamento. Em 1.º lugar, o médico necessita, antes de tudo, conservar a visão geral dos fenômenos. Estes truismo deve ser realçado, pois a super-especialização fez com que certos profissionais se isolassem em seus departamentos, esquecendo afinal que a natureza ignora os esquemas que, periodicamente, lhe são propostos. Em 2.º lugar, a especialização é uma contingência ditada pelas circunstâncias. Mas a medicina é uma só. Um bom professor deve conhecer igualmente as ciências afins, porque só a comparação com elas e a referência a outros fatos conhecidos, dá vida ao ensino.

Nessas considerações finais, desejo prestar minhas homenagens ao clínico, ao internista, ao médico que trabalha ativamente nas enfermarias, educado na disciplina científica, cultivando amor aos estudos, de visão completa, conhecendo os fundamentos de sua especialidade, na parte técnica e na parte científica. São geralmente tais homens considerados em plano secundário àqueles que por força de expressão, unicamente, são denominados de "cientistas", os que investigam ou trabalham em laboratórios. Pessoalmente, julgo esta distinção destituída de qualquer significado.

FALAM OS PROFESSORES

Conclusão da 6ª pág.

Minha primeira preocupação no Departamento de Microbiologia vai ser a da integração de suas seções no Hospital das Clínicas. Na verdade, a medicina se aprende nos hospitais e si as cadeiras básicas exigem equipamento próprio, devem ser consideradas como preparo à prática da clínica, da cirurgia e das especialidades. Por outro lado, um Hospital sem ensino é um organismo morto, com funcionários burocratas, sem o sopro da renovação que o ensino e a investigação lhe trazem a cada momento.

Esse divórcio entre as Faculdades e os Hospitais é dos fenômenos mais tristes que se observam. No passado, o brilho da medicina provinha dos lentes das velhas Faculdades que polarizavam todo o progresso da ciência de seu tempo. Hoje, um estudante de medicina sacrifica a aula de um professor pelo plantão do Pronto Socorro ou da Assistência Pública não podemos negar-lhe razão.

"A força de uma escola se exprime pelo trabalho constante do professor, assistentes, internos e alunos, em emulação recíproca, na ansia de aprender e de se aperfeiçoarem, interessados em estar ao corrente dos progressos científicos e fornecer aos doentes tudo o que de mais perfeito a medicina lhes pode proporcionar".

O Departamento que vou dirigir terá doravante contato com 4 serviços do Hospital das Clínicas: o serviço de Transfusão de Sangue, graças à col. do Dr. Oswaldo Mellone, designará o Dr. Oscar Yahn para trabalhar na seção de Imunohematologia, estudando principalmente os problemas imunológicos relacionados à transfusão de sangue; outras questões inerentes à boa organização de um banco de sangue também serão estudadas.

O dr. Victorio Maspes se articulará com o Serviço de Hematologia do Hospital das Clínicas, a cargo de Michel Jamra, estudando os aspectos imunológicos das anemias hemolíticas e púrpuras trombocitopênicas. Os drs. Celeste Fava Neto, Elias Lemos Monteiro e Renato P. Carvalho, frequentarão, pela manhã, os serviços dos Profs. Meira e Aguiar Pupo, auxiliando o esclarecimento diagnóstico dos diferentes casos clínicos, participando de discus-

sões nas enfermarias e colhendo material para as nossas aulas práticas. Duas novas seções serão criadas no Depto.: a de Imunoquímica, a cargo do dr. Rubens Ferri e a de Alergia, entregue à direção de Ernesto Mendes. Temos a certeza de que ambas estas seções serão de grande utilidade aos nossos colegas do Hospital das Clínicas.

Vamos procurar transformar o Depto. de Microbiologia, com a constante preocupação de conseguir forte e duradoura união de todos os que desejam realmente trabalhar, numa salutar e mútua estima, para nesta, como diz Rocha Lima, apoiar a força e a honestidade de nossos propósitos e não fazer como aos menos capazes, apenas condicionalmente poderosos, os quais se especializam em incitar paixões e estimular desavenças entre seus subordinados, para tirando proveito e explorando o embotamento dos princípios éticos que acompanham o entrecchoque de interesses, ambições e vaidades exacerbadas na luta de uns contra os outros, sobre elas assentar o seu falso prestígio.

Meus senhores.

Disse Francisco de Campos "que na medicina, no direito, na engenharia, nas ciências físicas e sociais, assim como na filosofia, o que a universidade visa, sobretudo, aquilo que ela busca, investiga ou expõe, é o que lhe parece ser a Verdade. Fiel a seus mandamentos, a Universidade é o sal da terra, no aresto luminoso e conclusivo de Francisco de Campos. Por ela se preservam os bens que conferem valor sentido à vida humana. Graças a ela, não apodrecem os homens na escravidão ou na barbárie. No meio da tormenta, que apagou todas as luzes, continua acesa a sua lâmpada. Nela virão reacender-se uma a uma, as que se deixarem apagar pelo vento que sopra das estepes".

Solenemente, empenho minha palavra de que não faltarei aos compromissos assumidos, e com o auxílio de todos nós, integrantes da Universidade de São Paulo, ela crescerá cada vez mais, para a elevação do nível cultural das gerações de hoje e também para conduzir a pátria brasileira à conquista de seus altos destinos na civilização universal.

O possível pergunta ao impossível: — «Onde vives?»

«Nos sonhos dos que não podem» — diz uma resposta.

FALAM



O "trote" e as moças

Todos os artigos sobre a questão do trote têm sido sempre rotulados como o desabato de calouros que trazem ainda o corpo e a sensibilidade feridas de pouco tempo. Mas, se este artigo é escrito por uma veterana que nem é caloura e nem levou trote, neste caso a crítica não tem razão de ser. É assim que escrevemos este comentário baseados apenas no que constatamos, e sobretudo na dignidade ferida de nossos colegas mais honestos, mais briosos e menos degenerados pelos maus costumes.

Pelo tempo que estamos aqui nesta Faculdade, fomos nos acostumando a ler e ouvir os horrores e as injustiças dos trotes praticados aqui nos corredores, na sede do CAOC e no estádio. Entretanto, eram comentários parciais, isolados, de rodas pequenas, e, não sei muito bem, porque, eram segredados e silenciados todas as vezes.

Então era sempre assim: no 2.º ou 3.º mês de aulas, com o primeiro número do "O Bisturi", saía o artigo sobre o trote. A turma, isto é, os poucos que o liam, comentavam, censuravam, riam-se, etc., e nem se cogitava de tomar medidas mais enérgicas no sentido de se apurar a verdade dos fatos ou de defesa do trote vigente. Nada. Todos se calavam, numa indiferença ou concessão mesmo.

No entanto, o que muitas vezes se notava era que no ano seguinte os calouros mais queixosos, os mais revoltados dos corredores se colocavam na dianteira dos trotistas, procurando "descontar" o passado.

Mas, as cousas mudam, ainda bem, e parece que a apresentação do problema do trote neste ano tomou um novo aspecto, teve maior vulto e definiu mesmo uma classe, toda a turma do primeiro ano.

O problema foi discutido em classe, debatido, e, o que é mais importante, teve uma solução

apresentada por unanimidade. E vocês sabem lá o que são 92 veteranos no ano que vem para impedir o trote, se quiserem?

No entanto, a natureza humana é fraca, esperemos que haja realmente essa demonstração de força e de lealdade, no ano que vem.

Mas afinal, o que têm as moças a ver com o trote?

Têm muito. As moças que compreenderam o sentido do trote humilhante e indigno e que por isso souberam sempre repeli-lo, e que o fizeram praticamente, não permitindo que êle atingisse o D. F., saberão sem sombra de dúvida conservar essa posição, que aprenderam de suas veteranas, de defender o verdadeiro ideal de amizade e confraternização. E saberão também repudiar os argumentos de que esse trote de perseguição pessoal e humilhante concorre para a aproximação dos colegas, pois o que temos visto na prática é exatamente o contrário. Há outros e verdadeiros meios para essa aproximação.

Assim, se houver a necessidade de uma adesão maior de combate ao trote nós temos a certeza de que as moças defenderão sua posição de descontentamento e repulsa aos agravos contra a moralidade e a dignidade de nossos colegas.

Tôdas nós estamos cientes pelo menos da maioria dos atentados ao pudor a quem foram expostos nossos colegas, pois muitas vezes fomos obrigados a presenciar cenas degradantes nos corredores ou no bar da Escola. E é exatamente este um dos pontos que nós moças queremos defender. Pois tôdas estamos bem lembradas dos maus momentos e situações desagradáveis que tivemos de enfrentar, forçosamente, pelo simples fato de sermos estudantes e alunas desta Faculdade, e por isso obrigadas a percorrer as suas dependências nessas ocasiões.

Lembro-me muito bem ainda que neste ano muitas de nós, à saída do D. F., fomos impedidas de transpor a porta, pois alguns colegas veteranos haviam colocado os calouros em trajés menores, ostensivamente, diante da mesma.

Tenho a impressão de que não será pela falta de esclarecimentos ou pelo argumento de não participação no trote que as moças se calarão diante do problema, e muito menos por outros motivos, pois tôdas nós somos sócias do CAOC, o qual sempre defendemos e nos orgulharemos sempre de defender e de elevar na classe universitária.

M. J. M.

EXPLICAÇÃO

Pelo único motivo de absoluta falta de espaço, deixaram de ser publicados alguns artigos apesar de já estarem "compostos" na tipografia. Asseguramos que serão publicados no próximo número.

IND. FARM. ENDOCHIMICA. S. A.

S. F. E. P. INSCRIÇÃO 159

FARM. RESP. H. P. BERNARDES

MATRIZ:

Avenida Santo Amaro, 1239 — Caixa Postal, 7.230 — S. Paulo — Brasil

End. Telegráfico: ENDOCHIMICA — Telefone: 61-1127

FILIAIS:

RIO DE JANEIRO
Av. Calógeras, 15 - 7º
Sala 702 — Tel., 42-0745
Caixa Postal, 4335

PORTO ALEGRE
Rua Riachuelo, 1.600
Caixa Postal, 707
Telefone: 8220

BELO HORIZONTE
Av. Olegário Maciel, 380
Caixa Postal, 779
Telefone: 2-7274

RECIFE
Rua da Conceição, 14
Terreo
Telefone: 3435

CURITIBA
Travessa Oliveira Belo, 18
Caixa Postal, 280
Telefone: 442

SALVADOR
Av. 7 de Setembro, 142 - 1º
Salas 107 - 108 - 109
Telefone: 5593

UBERLANDIA
Av. João Pinheiro 1032-1040 — Tel.: 292
Minas Gerais

FORTALEZA
Rua do Rosário, 38
Caixa Postal, 771

A opinião de Walderes

Como é, vamos ganhar a Mac-Med?

Esta é a pergunta que comumente me é feita pelos colegas, principalmente por aqueles que não acompanham de perto o esporte na F.M.U.S.P.

Colegas, aqui vai minha opinião, não só sobre XX Mac-Med, mas também sobre o esporte em geral na Faculdade.

O que falta na Faculdade não é material humano, nem apoio da Diretoria da A.A.A.O.C., mas sim, vontade (muito boa vontade) por parte dos colegas.

Senão vejamos:

A Diretoria da A.A.A.O.C. já conseguiu autorização do E. C. Pinheiros para realizar treinos de Atletismo em sua pista. Já concedeu verba para pagamento de taxi aos que forem treinar. Já abriu uma lista para os interessados em treinar, e poucos, bem poucos, nela se inscreveram. Essa é a parte da Diretoria e a dos colegas é unicamente perder uma hora, aquela hora que ficam batendo papo ou jogando "snooker", para treinar. Vejamos o que farão: De Agosto a Outubro pode-se formar uma equipe razoável e que pelo menos, se não ganhar, poderá representar condignamente o esporte base da Faculdade.

A Diretoria mantém técnicos de Volley, Basket, Natação, Polo Aquático e Futebol. Apesar disso, os treinos como por exemplo os de Volley, contam com tão poucos interessados que não dão nem para formar duas equipes. E assim por diante.

Quanto ao Futebol, o treinamento no 1.º semestre foi irregular em virtude dos constantes jogos do campeonato da F.U.P.E. Para o 2.º semestre já conseguiamos um técnico e só falta o comparecimento dos jogadores. Espero que apareçam.

Pelo acima escrito vêm os colegas que não falta esforço da Diretoria.

A Mac-Med já está perto, mas dá tempo para organizarmos nossas equipes, bastando para isso que os colegas tomem a sério os treinos e não quebrem tanto a mão como no primeiro semestre.

Se os colegas fizerem sua parte poderemos aspirar à vitória na XX Mac-Med, do contrário, nada poderá fazer a Diretoria da A.A.A.O.C., pois já fez, e continuará fazendo apesar dos fatos desanimadores, sua obrigação.

Colegas: a Diretoria da A.A.A.O.C. apoia todas as iniciativas do esporte da F.M.U.S.P., e nossa única recompensa será o seu apoio e interesse pelo esporte.

Treinando para a XX.ª Mac-Med, você apoia a A.A.A.O.C., aperfeiçoa suas qualidades de atleta, descança seu cérebro, colabora com seus colegas, vive horas divertidas e momentos de sensação, tem a emoção de participar, e possivelmente ganhar, a maior competição Universitária da América do Sul.

PÁGINA DA A. A. A. O. C.

Um patrimônio edificado sobre o nada

O estádio é nosso?

O colega Walderes Rodrigues, presidente da A. A. A. O. C., dedicou parte de suas férias de julho a procura da solução de um problema que muito tem preocupado todos nós.

Trata-se da questão dos direitos que possuímos sobre o patrimônio do CAOC e AAAOC, se é que os possuímos. Em vista da importância do assunto, fomos procurá-lo afim de divulgar o resultado de sua busca, obtendo as seguintes informações:

«Tendo necessidade de conhecer a situação legal em que se encontram os terrenos onde se ergue o estádio do CAOC Curso Osvaldo Cruz, a diretoria da AAAOC, pôs-se a procura de dados.»

«Em conversa com Dr. Faria, secretário da FMUSP, soubemos que havia qualquer coisa a respeito no Cadastro do Estado, sito à Praça da Sé, 270. No protocolo da referida repartição soubemos da existência de dois processos, nos quais o CAOC tratava da construção da Casa do Estudante. Esses processos têm os números 16.189 e 16.190.»

«Após muitas viagens de elevador pelo edifício da Praça da Sé conseguimos, graças à gentileza dos encarregados da Secção de Arquivo, passar uma vista d'olhos no processo 16.189. Em resumo verificamos que:

«Em dezembro de 1944, CAOC solicitava aos poderes competentes a cessão definitiva dos referidos terrenos, já que tais terrenos haviam sido cedidos em caráter provisorio, ou melhor, a termo precario.»

«Após varias consultas e em vista de não conseguir nenhum esclarecimento, a referida repartição pediu informações à Reitoria da Universidade de S. Paulo. Era Reitor, nessa ocasião o Prof. Benedito Montenegro. A Reitoria nada respondeu. Mais três officios foram enviados à Reitoria (o ultimo na gestão do Prof. Lineu Prestes). Não houve resposta.»

«Em virtude do silêncio da Reitoria como não existisse nenhum documento a respeito da cessão a termo precario dos referidos terrenos ao CAOC o processo foi arquivado em fins de 1949.»

«Nesse processo há uma planta muito mal feita, sem dados metricos topograficos. Há tambem uma petição sobre o mesmo assunto, assinada pelo colega Walter Belda, na qual se encontra uma brilhante explanação sobre as finalidades, legalidade multiplas atividades do CAOC; essa petição era dirigida ao Dr. Ademar de Barros, então governador do Estado.»

«Quanto ao processo 16.190, apesar de constar como arquivado e apesar da busca procedida no Arquivo não foi encontrado. Sumiu...»

«Procuramos depois Prof. Jaime Cavalcanti, diretor da FMUSP, o qual também desconhece a situação dos referidos terrenos.»

«Fomos então à RUSP, onde procuramos o chefe da Secção de Patrimônio. Obtivemos preciosos esclarecimentos, que nos permitem concluir sobre seriedade do problema.»

«Explicou-nos o referido funcionário: Não há documento algum que prove a cessão a termo precario dos terrenos nos quais se ergue o Estádio do CAOC. Esses terrenos são propriedades do Estado. Entretanto, existe uma carta do Prof. Rubião Meira (quando Reitor da USP) cedendo um casarão existente na R. Teodoro Sampaio (onde funciona atualmente Curso Osvaldo Cruz) em caráter provisorio, ao CAOC para construção da Casa do Estudante. Continuando, disse-nos que os terrenos ocupados pelo Estádio do CAOC, FMUSP, HC, E. de Enfermagens etc., são propriedade do ESTADO.»

«Soubemos que a Reitoria está pleiteando a cessão de todos os terrenos acima citados mais os terrenos ocupados por todas as Faculdades da USP, para si.»

Pelo relatado se conclui que o CAOC e a AAAOC construíram e mantêm a custa de enormes sacrificios o que lá se encontra em um terreno que não é seu nem temporaria nem definitivamente.»

«Mesmo que a Reitoria consiga a cessão dos terrenos para si, a situação continuará a mesma, pois o terreno mudará de proprietário (do Estado para a Reitoria) e nossa situação permanecerá ilegal. Pelo que podemos observar a Reitoria não se mostra disposta a ceder-nos a area ocupada pelo estádio, pois isso prejudicaria planos que porventura surgissem de construção de um hospital. Não havendo a cessão Reitoria ou o ESTADO poderiam despejar-nos desembolsando uma modificaçao quantia que cobrisse os gastos feitos com as benfeitorias. Estas últimas considerações são hipóteses aventadas pelo próprio chefe da Secção de Patrimônio da Reitoria.»

«Não encontramos, também, nenhum documento que limite os terrenos do Estádio.»

Há muitos anos que a equipe de bola ao cesto da Medicina tem perseguido a vitória em bola ao cesto, na Mac-Med. Mais de uma vez foi este o esporte decisivo, que fez pender a vitória para o lado de nossos leais adversários. Ainda em 1953, um empate entre nós e o Mackenzie, com cinco vitórias cada, era a contagem até a noite de sábado. Todos se lembram da expectativa intensa que antecedeu a disputa, pois sem dúvida iamos à competição com tantas possibilidades de êxito quanto nossos rivais. Infelizmente, o "carnaval" previamente preparado não pôde se realizar, pois uma cêsta providencial, nos segundos finais, decretou a contagem final, 26 x 25, contra as nossas côres.

Nesta Mac-Med do IV Centenário, as perspectivas ainda continuam sendo de um possível desempate em bola ao cesto; torna-se, portanto, bastante justificado, o interesse geral em torno dos

GUGLIELMO:

A XX Mac-Med será decidida no "basket"

SÊDE DE VITÓRIA...

treinos preparatórios, que nos fez decidir começar pelo "basket" a série de reportagem sobre a XX Mac-Med; com esse intuito procuramos Guglielmo Mistrorigo, secretário da AAAOC e atual diretor desse Departamento, que nos disse o seguinte:

"Inicialmente, eu gostaria de comparar a nossa equipe deste ano com a de 53. Desde logo verificamos a perda de dois excelentes valores, Luiz Hildebrando e Dercy Viesti, ao passo que os calouros de 54 não trouxeram nenhum reforço para a equipe. À primeira vista, portanto, pode parecer que estejamos mais fracos do que na última oportuni-

dade. No entanto, existem alguns fatos que nos permitem encarar com otimismo a próxima Mac-Med. Em primeiro lugar, a frequência com que se realizaram os treinos (dois por semana no primeiro semestre e três no segundo), e a assiduidade da equipe a eles. Dispondo de um técnico de primeira linha, como é André Barbosa, podemos deduzir que estará em nível ótimo o preparo de nossos atletas. Em segundo lugar, nossa equipe está constituída, quasi na maioria, por doutorandos que pela última vez disputarão a tradicional competição universitária — daí se compreender a "sede de vitória de

que estão possuídos, o que é um fator a mais a nosso favor"

Perguntamos então se acreditava firmemente em nossa vitória, ao que nos respondeu:

"Não afirmo isso, e seria leviano se considerasse a disputa uma "barbada". Principalmente se considerarmos os preciosos reforços conseguidos pelos mackenzistas, que receberam dois calouros excelentes, jogadores da primeira divisão de São Paulo. Isso concede a eles o favoritismo incontestado da prova, não há negar"

Invertemos então nossa pergunta: seremos derrotados?

"O jogo vai ser disputado na quadra, cinco contra cinco, tática contra tática, a torcida da Med contra a do Mac. Faremos todo o possível e contamos com o apoio é incentivo de nossa torcida. Mas prefiro não adiantar prognóstico, aguardando a noite de 9 de outubro."

Portanto: vamos treinar e vamos torcer.

Conseguimos o quinto lugar no Torneio Aberto de Polo Aquático



A EQUIPE D'«O BISTURI»

A piscina aquecida do Agua Branca viveu momentos de vibração esportiva, durante os meses de Junho e Julho, com a realização do Torneio Aberto de Polo Aquático, patrocinado pelo vespertino paulista «Ultima Hora», sob contróle técnico da Federação Paulista de Polo Aquático.

Para a Associação Atlética Acadêmica «Osvaldo Cruz», o acontecimento se revestiu de grande importância, pois pela primeira vez, nestes últimos anos, uma equipe de atletas de nossa Faculdade participou de um Torneio de tal importância. De fato, tomaram parte onze equipes, que reuniam o que de melhor existe em São Paulo nessa modalidade de esporte aquático.

Concorremos com a denominação «Bisturi», sendo a equipe composta por André, Coriolano, Evaldo, Longo, João Batista, Gilberto, Devezza, Italo, Salvia e Lantzmman. A colocação obtida — quinto lugar — foi excelente, pois apenas nos ultrapassaram as primeiras equipes do Pinheiros, Floresta e Tietê, além da segunda equipe do Pinheiros, nas quais se encontram os maiores azes do «water-polo» bandeirante. De tal modo se destacou nossa representação, que a crônica esportiva especializada de São Paulo não economizou elogios, chegando mesmo um dos jornais nos distinguir com o seguinte elogio: «...equipe que, pelas condições físicas e técnicas em que se encontra, deveria estar disputando o campeonato oficial de São Paulo.»

Não há nomes a destacar; todos se comportaram com a mesma fibra, entusiasmo e técnica. Sofremos 38 tentos contra, assinalando 39 a nosso favor. João Batista «Pernambuco» se mostrou excelente chutador, constituindo-se no artilheiro da equipe.

Os atletas receberam medalhas, enquanto a AAAOC viu mais um troféu se adicionar aos inúmeros já existentes em sua sede.

Nos dias que correm, é tão raro ver colegas nossos se dedicando com afinco ao esporte, que não temos dúvidas em apontar os que constituem a equipe de polo como um exemplo a ser seguido. Temos certeza de que, se isso acontecesse, não voltaríamos tão cedo a chorar as magoas após a realização das provas da Mac-Med. OS «CAVEIRAS», UM CAPITULO A PARTE

Outra equipe que também se distinguiu, foi a dos «Caveiras». E, pasmem, sua composição: Professor Charles Corbett, Professor Junqueira, além de Castiglioni, Barreto, Ori, Ayrosa, Aruba e Junqueira (leia-se um doutor antes de cada nome), e os «pifios» estudantes Pupo e Pinotti.

Eis aí um outro fato raro. Professores médicos, dos mais eficientes, diga-se de passagem, conseguem encontrar tempo para a prática salutar do esporte. Não é também esse um exemplo ser olhado com respeito?

☆☆☆ **P A G I N A A M E N A** ☆☆☆

Quinta constelação à esquerda

A CECILIA

Olhei teus olhos negros
E me perdi na confusão de pensamentos impossíveis
Aturdido
Mergulhei no cócos infinito e real
De todos os mundos irrealis.
Num ballet fantástico percorri todo o universo,
Andei todos os caminhos
E descobri mundos inexistentes.
Quando voltei, procurei, sedento, teus olhos,
Mas tu não me vias...
Alucinado, arranquei teus olhos irrealis,
Conservei-os em formol a dez por cento
E estudei neles a artéria central da retina
Caiuby Trench

Rebuscando o passado...

Desta vez fomos ao «O BISTURI» de 28 de Maio de 1935 (n. 11) do qual era diretor o então acadêmico PEDRO TAUFIK CAMASMIE, a lá fomos encontrar esta «jóia literária», assinada por «KISS ME», que dedicamos aos ilustres personagens que nele são citados, bem como a todos que viveram aquelas priscas éras.

Lá vai:

A POSSE DO NOVO DIRETOR

Numa dessas tardes, muito tristes e muito frias de maio, o salão nobre da Congregação, foi aquecido pelo entusiasmo sadio de muitos corações e pelas lágrimas sinceras de muitos olhos.

Realizava-se solenemente, com a presença solene dos nossos mestres e futuros colegas, o empossamento do novo diretor desse santuário oracular que é a Faculdade de Medicina da U. S. P.

Muito antes da hora marcada, já era grande o número de pessoas que iam assistir a posse.

Garcia, zelador, tentava sustentar a massa nobre, que se comprimia pelos arredores da sala, segurando a porta desse recinto congregueiro, enquanto bedéis se debatiam no seu interior para convencer o pó das poltronas que deviam ceder o lugar às tuberosidades isquiáticas dos nossos mestres.

Entrementes, fotografos impertinentes procuraram confundir a fumaça do charuto do Prof. Luciano, com a fumaça do magnésio; e daí o estrilo daquele docente.

Finalmente, a uma súplica o Prof. Bovero, abriu-se a porta mágica.

Diretor professores penetram com ar nervoso, mas sorridente. O Dr. Odorico, o jovem, o Dr. Tito, o Dr. Oria, ignorando o regulamento, haviam tomado posse de certas poltronas da Congregação. Incontinentemente, foram solicitados pelo prof. Faria a abandona-las. Era muito cedo para eles.

A mesa presidencial, tomaram assento o novo Diretor, o ex-eminente Diretor, agora eminentíssimo sr. secretario da Educação, Prof. Puech e o Prof. Prado, além do Prof. Faria.

Feito o silencio, assume a tribuna o Prof. Puech, que após ocupar a atenção de alguns presentes durante uma hora, conclue por dizer que o Prof. Pupo era o novo diretor da escola. A assistencia não gostou muito, pois de há varios dias já sabia que aquele ilustre mestre era o diretor.

Toma depois a palavra o homenageado. Com a voz molhada pelas la-

grimas, S. Excia. começa por agradecer a presença dos presentes e diz que se sente um tanto satisfeito com o honroso cargo. Faz um rapido historico de sua brilhante carreira e... nesse instante ouve-se na sala um enorme ruido. A assistencia agita-se mas logo se-acalma. Não havia sido nada. O Prof. Faria, que dormia tranquilo, caíra da poltrona. E prometendo amar a ciencia e elevar a cultura (o prof. S. Campos sorri) S. Excia. o Diretor, termina sua oração, sob fortes aplausos dos ouvintes.

Seguem-se os abraços, a evacuação da sala e... nos corredores os indispensaveis comentarios.

«O BISTURI» colleu alguns.

Assim, numa roda oculta, conseguia o Prof. Souza Campos hipnotizar alguns amigos. Aproximamo-nos. Contava ele, um sonho que tivera.

— Pois é, meus amigos, a vida é bem diferente dos sonhos, embora viver sem sonhar seja sofrer bastante. Não há muito, em sonho, apareceu-me Pluto, um deus da antiguidade e...

Mais adiante, o Dr. Locchi, dizia: — E quem irás dizer que dentro em pouco tempo sentar-me-ei numa daquelas poltronas?

Não há duvida.

O poeta Lordi reclamava, entre amigos, a ausencia de flores, no ambiente.

— Reparem bem, dizia, as flores que nos elevam nos lembram, — nunca devem faltar, onde preside a mocidade e a velhice, para nos fazer sorrir, para nos fazer chorar.

Tinha razão.

E enquanto se sucediam os comentarios, o Diretor Pupo recebia abraços e depositava uma lagrima no pescoço de cada amigo.

Quando, pela tardinha, descemos, encontramos, numa sala, encerrado e lendo em voz alta, o Snr. Camará, orador do Centro, que não tendo sido avisado a tempo, aprestava um «improviso» que ia pronunciar na sessão. Não pronunciou, entretanto, por já haver terminado a solenidade, mesmo sem as flores do Prof. Lordi...

Sunt Res Vitae. KISS ME.

Sociais

Colega, temos agora uma secção especializada em noticias de âmbito social. Contribua para ela trazendo à redação de «O Bisturi» as notas sociais das quais tomar conhecimento.

E' nossa intenção contribuir para intensificação da vida social em nossa Escola, cuja deficiência tantas e

tão importantes influências exerce no conjunto da sociedade médica, em particular no seu espirito de solidriedade e união de classe.

Casaram-se no mês de Julho nossas colegas Wanda e Nina. As estimadas terceiranistas «O Bisturi» cumprimenta augurando-lhes um porvir feliz.

PARÓDIAS DE ONTEM E HOJE

ANATOMIA

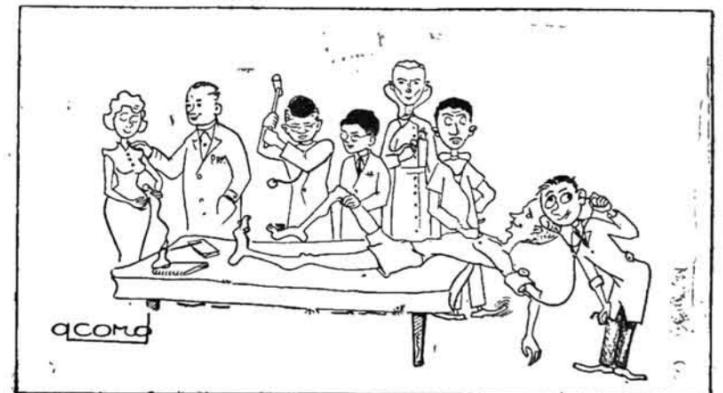
No esqueleto da cabeça fica bem,
O processo estilóide,
para frente e para dentro ainda vem,

A fossa pterigóide...
São quatro fossas talhadas,
Na escama d'ocipital,
Depois do furo já desce,
A coluna vertebral.

Dois ligamentos cruzados,
E o crânio me desespera,
Tô c'o exame marcado...
E o Locchi à minha espera.

Eu preciso ver se passo em Anatomia,
Que p'ra 2.a já ficou Histologia...

WASH



Os alunos aproveitam uma aula de clínica... e os professores também.

Separata

OS MICROBIOS:

Quando a gente começa a ler esses tratados microbiológicos e a estudar um pouco a matéria, logo arquitetamos os nossos «porques» mais cabulosos. E assim, não conseguimos saber por que tantos micróbios na nossa vida e por que tão nocivos.

Esses bichinhos deste tamanhinho, que a gente nem vê, estão em toda parte: no ar, na água, na terra, no próprio alimento que ingerimos e consequentemente em nós mesmo.

A pessoa que ficar pensando muito acabará enlouquecendo: quando ela vai comer e se lembra do tal micróbio, logo procura lavar o prato e os talheres para tirar o pó; então lembra-se de que a água tem micróbios e enxuga bem os objetos com um pano antes exposto ao vento, insetos e micróbios, e quando vai comer procura fazê-lo enquanto a comida está quente para pegar «menos» micróbios. Se lhe dá sede, bebe a água que contém micróbios (e é

ainda essa água que nos limpa e nos livra dos tais micróbios).

Felizmente, contra esses micróbios existe dentro de nós outros micróbios que os destroem...

E você já pensou que este papel está cheio de micróbios? Então vá lavar a mão.

...e até logo, que vou respirar os meus micróbios mais adiante.

Clovis Serra.

PIADA

SILENCIO:

Uma comissão de mulheres turistas visita a cachoeira de Paulo Afonso.

— E' a mais bela cachoeira do Brasil — explica o guia, e se as senhoras tiverem a bondade de calar-se um momento, poderemos ouvir o formidável ruido das águas...

A PEDIDO

Registamos aqui gostosamente o pedido de alguns colegas, que, não conseguindo conciliar o sono nas aulas de Topográfica, lançam um apêlo à novel diretoria da Faculdade para que mande estofar e adaptar às suas reais necessidades as duras e incômodas poltronas do anfiteatro de Anatomia, especialmente da terceira fila para cima. E' com efeito desolador o aspecto do auditório das referidas aulas. Corpos inanimados em toda a espécie de decúbitos, cabeças a tocar o assoalho imundo; pernas

projetadas em altura, troncos constituindo ângulos incríveis, tudo isso faz a comoventemente do desconforto dos referidos móveis. Agasalhando a modesta reclamação em nossas colunas, esperamos que os poderes competentes se resolvam a verificar «de visu» o que acima assinalamos e se disponham a sanar esse grave inconveniente.

Transcrito d'«O Bisturi» de 1933.

NOTA: Vale para muitas outras «cadeiras» anti-«Fisiológicas».

LABORATORIOS

Moura Brasil - Orlando Rangel - Farmabraz
COMPANHIA PAULISTA DE REPRESENTAÇÕES

VI-GLOBEOL

Granulos multi coloridos de sabor agradável.

PENSULAC

Supositórios de penicilina

SINALGAN

Ampolas de 5, 10, 20, 50 e 100 cc.

Vitaminas
Minerais
Amino ácidos
Iodo

300.000 unidades de penicilina
G cristalina em excipiente especial

Solução de novo caína em Ringier modificado a 1%
Com ou sem adrenalina.

Complemento dietético

Indicações gerais da penicilina.
Uso em proctologia e em ginecologia.

Anestesia regional

Amstras e publicações à RUA MARQUEZ DE ITÚ, 96 — FONE: 36-4334

Relatório do Departamento do Ensino Médico

Antes de apresentar o meu relatório, gostaria de esclarecer ao colega que no "O Bisturí" próximo passado, publicou um artigo com o título "Responsáveis irresponsáveis". Neste artigo o colega critica a minha conduta de não ter apresentado o relatório, e a minha defesa se resume em poucas palavras. Não apresentei o relatório, porque nessa ocasião não era o Diretor do Departamento de Ensino Médico, mas simplesmente o representante dos alunos do 5.º ano junto ao referido Departamento.

Atualmente por demissão do colega Nogueira do cargo de Diretor, eu assumi interinamente a Diretoria do referido Departamento e passo em seguida a relatar a nossa atividade.

O primeiro passo foi conseguir plantões no P. S. para os alunos do 5.º ano, pois, com exceção dos alunos do atual 6.º ano, antigamente, só era facultado o P. S. aos alunos do 6.º ano. Junto ao Dr. Sylvio de Barros, chefe do P. S. conseguimos plantões noturnos nas especialidades de Clínica Cirúrgica, Clínica Médica, Pediatria, Obstetrícia e Traumatologia, dois alunos por especialidade e por noite.

O segundo passo, foi conseguir plantões de transfusão e paralelamente foi realizado um curso teórico, sob a orientação do Dr. Biancalana, no qual também colaboraram os Drs. Oswaldo Mellone, chefe do serviço, Carmino Caricchio, Rubens Monteiro de Arruda, Carlos Vita Lacerda e Vicente Amato Netto.

Foram ministradas as seguintes aulas:

- 1.º Grupos sanguíneos do sistema A, B, O. Provas de compatibilidade.
 - 2.º Sistema Rh e Hr.
 - 3.º Doença hemolítica do recém-nascido. Exsanguinação.
 - 4.º Indicações, contra indicações, modo de ação e doses nas transfusões de sangue.
 - 5.º Plasma derivados e substitutos.
 - 6.º Reações post-transfusionais não hemolíticas.
 - 7.º Reações post-transfusionais hemolíticas.
 - 8.º Transmissão de moléstia por transfusões.
 - 9.º Choque: quadro clínico, etiopatogenia e tratamento.
- Este curso será transmitido na íntegra no 2.º semestre para os colegas que não tiveram oportunidade de frequentá-lo no 1.º semestre.

O terceiro passo, foi modificar o sistema de aulas do Estágio

ÚLCERAS CRÔNICAS DAS ALAMEDAS DA FACULDADE



Tratamento: Reforma completa do asfalto com a máxima urgência. Não resolve "tratamento sintomático."

Hospitalar, pois além das aulas práticas ministradas pelos assistentes de plantão no P. S., introduzimos uma série de aulas teóricas de Clínica e Cirurgia de urgência, organizada em colaboração com o colega Aloisio e ministradas pelos Drs. Caricchio, Saad, Luiz Caetano, e Terreri, sendo os dois primeiros encarregados da parte cirúrgica e os dois últimos da parte de clínica. O programa é o seguinte:

CIRURGIA:

- 1.º Principios gerais do tratamento do choque.
- 2.º O exame do traumatizado, medidas para o diagnóstico e orientação terapêutica inicial.
- 3.º Abdome agudo.
- 4.º Síndrome asfíxicos.
- 5.º Respiração artificial e recuperação cardíaca.

CLÍNICA:

- 1.º Comas: considerações gerais, diagnóstico e tratamento.
- 2.º Enterocolites agudas.
- 3.º Intoxicações.
- 4.º Síndromes convulsivos.
- 5.º Cefaléia: fisiopatologia e tratamento.

São Paulo, 23 de Agosto de 1954.

AC. PEDRO NAHAS.

NOTA: O engano citado pelo colega originou-se de uma informação do C.A.O.C., que nos citou o colega Nahas como diretor daquele Departamento.

A Redação.

"O BISTURÍ"

Órgão Oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz"

ENCARREGADOS DAS SECÇÕES

Editorial — Wilhelm Kenzler
Congregação Acadêmica — Willy e Fernando P. de Gouvêa.

Falam os Professores — Maria José Machado.

Filosofia e Arte — Lineu Marcos Linardi - J. Crispim Noronha - José Knoplich.

Vamos dar uma Nota aos Professores — José Crispim Noronha.

Ensino Médico: Willy.

A opinião dos que se formam — Willy.

Rebuscando o Passado — Makaron.

Descendo a Lenha — Willy e Fernando Proença Gouvêa.

Zé Bronquinha — Diomedea Belliboni.

Página da A. A. A. O. C. — Nelson Proença.

Lembretes, Pensamentos e Avisos — Willy.

Sociais — Terezinha.

U. E. E. — Willy - Edith Politis.

Humorismo — Você, se quiser.

Página Amena (Xadrez, Palavras cruzadas, Charadas, Paródias de ontem e de hoje) — Você se quiser.

Falam Elas — Maria José Machado.

Relatórios dos Departamentos — Carlos de Souza Dias.

Pontos de Vista — José Knoplich.

Os calouros também pensam — José Knoplich.

Flagrantes do passado — Fernando Proença de Gouvêa.

Fotografias — Manlio Speranzini.

Propaganda — Carlos de Souza Dias - Fernando Proença de Gouvêa.

Biotestil

HORMÔNIOS + VITAMINAS

LABORATORIO NOVOTHERAPICA S. A.

Rua Pedroso de Morais, 977

— São Paulo —

Coisas de todos os dias...

A vida é uma história de quadrinhos; os acontecimentos que vem vindo, nada mais são do que quadrinhos novos, acrescidos à nossa história, que vai ficando velha mais e mais. E há uns quadrinhos estranhos, desagradáveis, que se repetem todos os dias, que ficam depurados num canto qualquer da vida da gente. São coisas de todo dia.

Vou tentar esboçar um quadrinho desses: de noite; imagine você uma calçada larga, cheia de gente apressada. Na rua há reboliço. Garôa. Imagine também, no meio de tudo isso, dois rapazes caminhando apressadamente. Um deles sou eu; outro, um meu colega. E, se você puder imaginar mais um pouco pense, para o meu colega, num rosto feliz de quem fala duma namorada deslumbrante, dos olhos da cor do mar; e para mim, imagine semblante complacente de quem colabora, com as devidas restrições exigidas no caso com aquela alegria sem fim.

O quadro ainda não está completo; falta um ser diferente, um pouco an-

drajos, um pouco homem, um pouco demência, recostado à parede, a dizer coisas sem sentido. A garôa lhe bate no rosto sem expressão. Mas bate, também no rosto dinâmico daquela gente apressada, no rosto exultante do meu colega.

O quadro acabou. Prefiro acabá-lo assim, já que nele não cabe o indiferentismo dos homens que passavam; passavam, olhavam e iam, passo rápido, fugindo à garôa incômoda.

Nós também passamos e fomos. A meiga garôa de olhos verdes continuou a girar em torno de nós. Mas, enquanto isso, eu pensava naquele complexo de miséria, sentado na calçada fria. Impressionou-me pensar que aquele sujeito era dono de uma vida. Parecia incrível. Seria possível que ele tivesse tido uma infância como a nossa, que tivesse empinado papagaio ou jogado bola, nalguma rua empoeirada da cidade do interior? Que tivesse pensado, como o meu colega, na melguice sem fim duns olhos amigos?

Ele tivera sonhos. Por certo tivera. Quem não tem sonhos na vida? E dos sonhos mal pensados e mal vividos, sobrara êle, um espectro sem ninguém, dizendo coisas sem sentido, que a ninguém interessavam. Como é duro dizer as coisas a ninguém. A pedra que não fala; ao vento que não sente. Não ter ninguém, não ter amigos, não ter nada. Sentir a vida como um vaso imenso, que os dias vão enchendo de misérias. Por que existe isso? Não sei. Mas, sei, mas sinto

que isso é desumano. Você já pensou o que é não ter ninguém, ninguém? Não pense, então. Pois se o fizer, e se restar em você um mínimo de humanidade, parará na frente de cada miserável, para sentir, em silêncio, um pouco de suas dores.

Não adianta falarem tanto em caridade, enquanto não descobrirem que caridade não são esmolas a instituições; mas é doação, solidariedade a uma dor que existe, embora não seja nossa.

Contudo, não sei porque passei a falar dessas coisas. Comecei no quadro e acabei aqui. Isso não é comum. Nas cidades grandes gente vai se embrutecendo. Vê tanta miséria que acaba se acostumando com ela. Ela vira coisa normal, coisa de todo dia.

E naquele dia, enquanto caminhava rápido sob a garôa oblíqua, não sei porque, talvez por pura ironia, aquela musiquinha interminável ficou cantando nos meus ouvidos: «São Paulo é da garôa; São Paulo é terra boa...»

J. C.

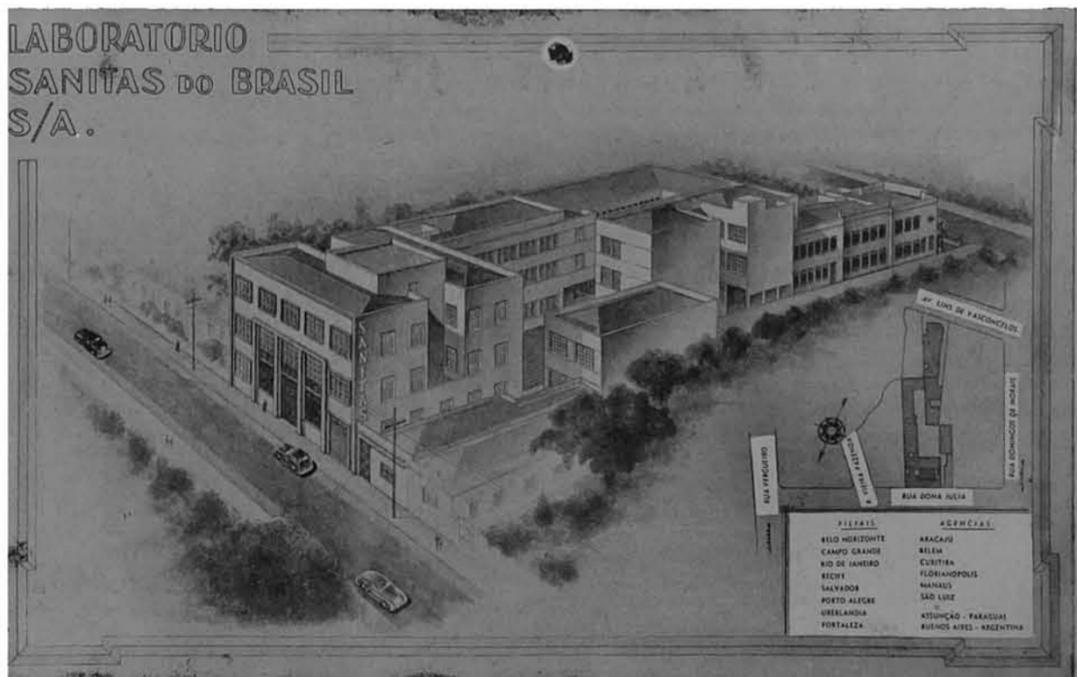
Quer descansar o espírito dos exames?

Quer dar movimentação sadia ao corpo?

Quer ter disposição e energia para o estudo?

Experimente por duas semanas a ginástica do Sato. Comece agora, não deixará mais, tais os benefícios que sentirá.

Terça, quinta e sábado — 11:30 — no Estádio da A.A.A.O.C.



ESTÁ APARELHADO MATERIAL E TÉCNICAMENTE PARA GARANTIR A CONSTÂNCIA DE SUAS PREPARAÇÕES.

Av. Lins de Vasconcelos, 3420
SÃO PAULO

XVII Congresso da UNE Uma crítica ao presidente do C. A. O. C.

Luís Baccalá

Ao iniciar este relatório, quero fazer uns esclarecimentos, para esclarecer minha orientação em face do astronômico movimento político que aciona os congressos estudantis.

1.º) Pretendo citar fatos ocorridos, e não analisá-los, deixando a análise a cargo de cada colega.

2.º) Quando deixamos São Paulo para cumprir o dever de tomar parte ativa no Congresso, Transportamos u'a mala vazia de experiência política. Entretanto, não eramos portador de paixão política nem pessoal.

3.º) Durante o Congresso procurei aprender aquilo que outros colegas que me antecederam no cargo não me transmitiram, com a única finalidade de poder transmitir aqueles que me sucederem.

Inicialmente tenho a referir que a história começou já com o VI Congresso de Estudantes. Nas eleições da presidência da UEE, pudemos verificar duas correntes, que cerraram fileiras em torno de seus candidatos. Suiu vencedor o colega Oswaldo Lara Ribeiro, tendo sido o colega Victor Fasano o principal artífice desta vitória.

Quando nos preparávamos para XVII Congresso da UNE, recebemos numa noite, na sala dos médicos do P.S. o seguinte aviso: "Baccalá reuniu agora na casa do Oswaldo, — 11,30 horas". Por causa de uma operação que só terminou às 2,15 hs., fiquei impossibilitado de comparecer. No dia seguinte soube que a reunião teve a finalidade de escolher, um nome de São Paulo, para eventual Presidente da UNE. O nome indicado, fora o colega Fasano; entretanto este recusou terminantemente, indicando como substitutos os nomes de: Samuel Salinas e Augusto Cunha Neto. Já em plena Universidade Rural, a Bancada Paulista somente esteve presente no dia da instalação do Congresso; nos demais foi a plenária desfalcada, porque esteve a maior parte do tempo em reunião de bancada.

O colega Oswaldo era portador de umas procurações, sendo que nunca utilizou em reunião de Bancada como havia prometido, porém o seu substituto, o Vice-líder Mazzarollo, fez uso das procurações afim de tornar questão fechada na Bancada, indo de encontro ao emprego das procurações. A bancada escolheu o nome de Fasano para a presidência da UNE, o qual aceitou, afirmando que o fazia apesar de inúmeros prejuízos, porém só manteria seu nome, caso fosse para obter unidade no plano Nacional. Quando o nome do colega Fasano foi apresentado na reunião dos líderes houve "queima" do seu nome, passando este para o oposição, deixando claro que não havia unidade.

Como o colega Cunha Neto havia levado como possível candi-

dato à presidência da UNE, e como a UEE havia trabalhado neste sentido, foi lançado nome de Cunha Neto, sem a consulta à bancada Paulista, quando se processaram as eleições afirmam, que 'colega Oswaldo depositou as procurações no nome de Cunha Neto, acredito que o colega Oswaldo admitiu como candidato oficial do UEE Cunha Neto, e como as procurações foram dadas em seu nome como presidente da UEE, ele as depositou em quem havia levado para tal fim.

Em suma todas estas divergências políticas, não tiveram origem neste Congresso, mas sim no VI Congresso Estadual, onde a eleição de Oswaldo deixou definidos dois grupos antagônicos por base. Como os colegas tiveram oportu-

nidade de ver, nos relatos acima prestados, os Congressos não têm outra finalidade, sinão política, com raras e nobres exceções. Devo salientar ainda, que merecem voto de louvor, os trabalhos apresentados pelas comissões que trabalharam com dedicação, e nem sempre foram reconhecidas. Um fato que me impressionou muito foi o dinheiro gasto com o Congresso; não me refiro ao dinheiro oficial, mas sim àquele queimado com propaganda, jornais, etc. Qual a sua fonte?

Com este resumo dos fatos que mais, se evidenciaram no XVII Congresso encerro este relato, porém estou à disposição de qualquer colega para qualquer explicação, sobre o que aqui está ou quanto aquilo que não fiz referência, por não julgar tão necessário.

O QUE EU VI NO VIII CONGRESSO DA U. N. E.

➔ Conclusão da 7ª pág. portanto, pelo menos teoricamente, o homem de confiança de Fasano.

E essa confiança foi traida e a bancada paulista também. E de maneira vergonhosa, deplorável, pois o seu nome nem mesmo foi submetido à apreciação de bancada. Esta só tomou conhecimento da candidatura Cunha Neto, quando ela já estava firmada e a Chapa constituída!

Não deveria a bancada paulista ser a primeira a saber desta candidatura? E porque não o foi? Porque o segredo em torno dela? Desonestidade!

Acresce, ainda, o fato de que o sr. Oswaldo, nesse dia, desapareceu da Universidade Rural. Sumiu sem dar satisfações à bancada e nem mesmo ao seu vice-líder. Procurado por todo lado, não se logrou encontrá-lo.

Usando, então, dos direitos que lhe confere o Regimento Interno da bancada, o vice-líder, Mazarollo, da Politécnica, convocou uma reunião da mesma, a pedido de seus elementos, para que se discutisse o fato de o sr. Cunha Neto ser candidato, para se mostrar que o único candidato da bancada paulista era o Fasano.

Reunimo-nos às 14 horas e, enquanto discutíamos, esperávamos a chegada do sr. Oswaldo. Todavia, só lá pela 1/2 noite, mais ou menos, é que ele apareceu. E apareceu para tomar uma das atitudes mais lamentáveis que poderia tomar.

Aqui em São Paulo, ele se comprometera a usar as "procurações" (que lhe foram entregues pelo Centros Acadêmicos que não se fizeram representar por Congressistas), de acordo com a vontade da maioria da bancada. Não consta isto nas atas de reuniões? Se não consta é lamentável, pois o sr. Oswaldo o disse e lá na Universidade Rural não o desmentiu, mas disse, apenas, que dera outra interpretação à pergunta que lhe

fizeram sobre o destino das procurações! Óra! Francamente!

Se ele mantivesse a sua palavra, como queria a maioria presente, deveria usá-las para votar em Fasano. Eram em número de 25, correspondentes a 50 votos. E sabem o que isto significa? Que o sr. Oswaldo sozinho tinha mais força que todos os Congressistas paulistas presentes à Universidade Rural.

E sr. Oswaldo apareceu, apareceu para dizer que não agiria da forma prometida, mas iria usá-las de acordo com os seus princípios.

Com o repúdio da maioria esmagadora (aumentada esta altura dos acontecimentos, pela atitude deselegante do sr. Oswaldo), fez a declaração de que iria usá-las para votar em Cunha Neto.

Os fatos se precipitaram e o sr. Oswaldo Lara Leite Ribeiro, líder da bancada paulista e presidente da UEE, suspende a sessão, às 5 horas da manhã. E por tempo indeterminado!

Será possível? E' admissível uma coisa dessas? Estávamos a 5 horas e 1/2 das eleições, e ele suspende a sessão por tempo indeterminado e se retira às pressas.

Que espécie de líder era o nosso? Será isso pusilanidade, falta de ombridade? Se não for, o que será?

E, no fim das contas, o sr. Cunha Neto venceu as eleições pela diferença de 84 votos, e venceu-as nas bases do chavão do "anti-comunismo"

Taxaram a Chapa Fasano de Comunista. Uma chapa constituída de líderes católicos de vários pontos do país, e apoiados por outros tantos udenistas, democratas cristãos e líderes católicos.

Foi duro, deplorável e vergonhoso o que vimos ser feito à bancada paulista.

Mais de 500 estudantes, de todo Brasil, se encontraram, entre 16 e 31 de julho na Universidade Rural, para tentar realizar todas aquelas magníficas finalidades previstas na Constituição do Estudante Brasileiro. Conseguiram?

Vamos perguntar aos nossos representantes: Luiz Baccalá e Adelôncio F. Santana; respectivamente presidente e 1.º secretário do C.A.O.C., foram os que falaram em nosso nome, perante os universitários do Brasil.

Procurando saber como havia decorrido o conclave, soube de sérios problemas políticos no seio da Bancada Paulista, que negou assim a sua tradicional unidade e coesão, e também de divergências na atitude de nossos dois representantes. Ouvimos mesmo sérias críticas e acusações, daqui e de fora, dirigidas ao nosso presidente, Luiz Baccalá. Este teria ido passear no Congresso, teria preferido sempre a abstenção à definição honesta, não teria se interessado tanto pelo Congresso como pelas atrações da cidade maravilhosa. Fomos procurá-lo, transmitimo-lhe estas dúvidas e pedimos que desse conta no "O BISTURI" de suas atividades no Congresso. Idêntico pedido foi dirigido ao outro representante, e o seu relatório segue nesta página. Mas o Presidente do C.A.O.C., "não encontrou tempo, não teve oportunidade de escrever suas observações", pois está atrapalhado com "inúmeros problemas, como o Show, a Mac-Med, o futebol..."

Não consideramos esta justificativa satisfatória, porque entendemos ser mais importante a sua atuação como presidente do C.A.O.C., onde é um só, e como nosso representante num conclave nacional, do que no Show, na Mac-Med, onde é um de muitos, e não é o responsável.

E incluímos esta crítica como exemplo de outra mais geral que fazemos ao Sr. Presidente, Luiz Baccalá, com sentido evidentemente construtivo, e que aparece aqui depois de repetida várias vezes pessoalmente: o Sr. Presidente preocupa-se em demasia com pequenos problemas, perdendo o seu precioso tempo em treinos de futebol, ensaios de Show, viagens esportivas, assuntos burocráticos do Centro, etc., em prejuízo, como acontece neste caso, de problemas onde ele é o principal senão o único elemento indicado para atuar, como o são, por exemplo, a política externa de nosso Centro, os problemas das transferências, a representação do C.T.A., a Casa dos Estudantes.

Parece-nos que estes assuntos são bem da alçada de um presidente do Centro, e o colega Baccalá não tem se empenhado demasiadamente neles. Se algo está sendo feito é por iniciativa espontânea de outros colegas.

Se o colega presidente puder reunir todas as atividades, muito bem. Mas se algumas tiverem que ser prejudicadas não nos parece que devam ser as suas atribuições básicas de presidente.

Esperamos, confiando, a sua opinião. E reafirmamos nossa intenção construtiva.

Willy Kenzler

NOTA: Quando estas notas já estavam redigidas, nos foi entregue um relatório do colega Baccalá, que adiante reproduzimos. Este fato não invalida, os comentários mais gerais feitos à sua atuação. Quanto ao relatório em si, desculpe-me Sr. Presidente, mas consideramo-lo incompleto e fraco, além de não concordarmos em absoluto com a afirmação de que "os Congressos não têm outra finalidade senão política" Completamente errônea esta afirmação, a nosso ver. O bom senso e a constituição da UNE não-lo ensinam.

Qual o nome a se dar a essa atitude?

E todos os que deram procurações ao sr. Oswaldo, confiando no seu caráter e espírito democrático, estão de acordo com o destino dado a elas? Temos certeza que não!

Entretanto, colegas, trabalhe-mos, lutemos pela nossa classe, para que possamos fugir da sentença de Rui Barbosa:

De tanto ver triunfar as nulidades,

"De tanto ver crescer as injustiças, de tanto ver agigantarem-se

os poderes nas mãos dos maus, o homem chega desanimar-se da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto".

"Os fins continuam a não justificar os meios"

SESSÃO LIVRE

O artigo com título acima, do colega J. Crispim Noronha, não foi publicado neste número por decisão do presidente do CAOC, contrária ao Conselho de Redação de "O Bisturi". Será publicada no próximo número.



Salão de estudos da nossa Biblioteca? — Não! É o "infernhinho"! — Os estudantes não merecem cousa melhor, Dr. Faria?

Laboratório Clímax S/A

Rua Joaquim Távora, 533-780

FONES { 70-3434
70-3625
70-3614
7-1223

SÃO PAULO

Rua Evaristo da Veiga, 101

FONE 42-3477

RIO DE JANEIRO

MAIS GUERRA

Dizem que outra guerra vem por aí. Uma guerra arrasadora. De meses; ou de dias, talvez. Haveria de ser uma guerra moderna, impregnada do espírito moderno de simplicidade, que reduz tudo a umas poucas coisas simples, tal como o é, sem dúvida, a energia dum átomo que se desintegra. Mas, ainda há muita gente boa por esse mundo de Deus. E essa gente boa não quer uma guerra assim, rápida sem graça, que mate tudo de uma vez. Não; a guerra deve matar aos pedaços, devagarinho, como um longo calculado crime. Não, com as bombas de desintegração as guerras perderiam a graça...

Não gosto de pensar maduramente na guerra. Arrasa-me. Não que eu seja particularmente covarde. Não; sou como os outros. Tenho meus rasgos de patriotismo e acho que pátria é alguma coisa mais séria do que se poderia pensar de alguns discursos políticos. Acho nobre elogiável a gente morrer pela pátria, desde que haja realmente uma pátria ofendida. Mas, reduz-me a zero pensar numa guerra sem ideais, de lucros. Morrer por mercados, por ouro.

Somos estudantes. Temos ideais; temos fins. E somos arrancados à vida que nos propuzemos, para morreremos, como soldados quaisquer, num solo qualquer distante de nossa pátria. De nós, cheios de esperanças, resta frangalhos informes, embrulhando histórias incompletas, mal vividas.

O campo de batalha é um campo de histórias espalhadas pelo chão. Um ponto final gigante marcando o fim de frases sem sentido. E nós, «soldados que morreram mas não decidiram a batalha», «valorosos pracinhas desconhecidos», teremos sido — e somente isso — heróis de um drama interrompido.

A guerra, sinto-a como um ultraje à nossa dignidade de pessoa humana. Deixamos de ser nós mesmos e passamos a ser soldados em geral. «Soldados que não decidem batalhas»...

Outro dia, assistia um filme de guerra, quando uma meninazinha, ao meu lado, tocou o meu braço esquecido: «Por que há guerra?» Por que? Francamente, fiquei embaçado. Eu nunca pensara que essa pergunta pudesse existir. E dei os ombros ao responder — «Porque há». Não sei se a meninazinha gostou da resposta. Apenas, enquanto ela voltava seus olhinhos espantados para aquela matança desenfadada, essa pergunta infantil, mas cheia de uma lógica angustiante, ficou a girar em torno de mim. Por que havia guerra? Por que os homens não queriam a paz, não viviam na paz? Não sei. Mas sei que os homens não se interessam realmente pela paz. E não o fazem, porque se esqueceram de que o homem é homem, tem alma de gente, tem dignidade de gente; esqueceram-se de que ele não é trabalho nem máquina. Não vive de cifras. E nem deseja essa paz mentirosa que os comunistas apregoam, tendo em vista o debacle do regime capitalista, que eles dizem insustentável.

Eu quero a paz. Mas uma paz de gente, onde não seja confundido com parafusos de máquinas. E nem quero a paz dos cifrões, a paz burguesa dos homens inúteis.

E me lembro, agora, dum homem que nos veio falar dessa paz diferente. Um homem diferente, que fragmentou história com suas idéias revolucionárias. Mas os outros homens, definitivamente, não quiseram saber daquela paz. Aquela paz, tão simples, exigia uma vida nova, onde cada homem sentisse nos outros homens, companheiros de uma jornada imensa. Exigia que cedéssemos nas pequenas coisas, para que todos tivéssemos as grandes. Tudo isso não interessou aos homens.

Se eu voltasse encontrar meninazinha do cinema... Então eu dir-lhe-ia que os homens, só eles é que são culpados das guerras. Não, não, ela que não se espantasse. Os homens eram assim mesmo; esquisitos. Exceto aquele homem sábio de antigamente. Ela iria querer saber quem ele é eu me sentiria em dificuldade. A gente se esquece rapidamente das lições do catecismo... Mas eu explicar-lhe-ia, da melhor maneira possível, que aquele homem sábio e diferente, é, nada mais nada menos, seu Menino Jesus da gruta do Belém. J. C.



Parede ainda se pinta!

Nossa escola bem que está merecendo uma pintura e uma limpeza externa. Como mostra a foto acima, a sujeira domina suas paredes.

Nova sede, isca nova!

Há muitos anos necessitávamos de uma sede para o CAOC. O fato de ter alojamentos, nem de longe significava que o Centro tinha sede, pois, um amontoado de móveis velhos, sujos, quebrados e jogados nas várias salas mais dava a impressão de depósito de velharia de resíduos. E, por que o Centro atingiu este cúmulo de descuido? Somente por nossa própria culpa; sim, culpa de todos os sócios, de todos os alunos da Faculdade, porque se existiam os responsáveis diretos pelos atos de vandalismo, existiram também os indiretamente responsáveis, isto é, aqueles que assistiam passivamente à destruição sem qualquer providência para impedi-la.

Mas, como nas histórias de fada, chegou o momento em que tudo se tornou azul, parecendo ter chegado a felicidade. Um homem público, demonstrando interesse pelos estudantes de medicina, compreensão pelos fatos e esquecendo totalmente a incúria e irresponsabilidade de muitos de nossos colegas, aventurou-se a facilitar materialmente a reforma da sede. Desta maneira pôde a comissão organizada para este fim, e, digamos de passagem, seguindo planos de muito bom gosto e sentido prático, proceder às tão necessárias reformas, pelo que merecem sinceros parabéns.

Temos hoje, por este motivo, a sede mais luxuosamente instalada entre todos os Centros Acadêmicos de São Paulo, quíçá do Brasil.

Mas cresceram nossas responsabilidades, colegas, pois se não nos entusiasmávamos em defender as antigas instalações que conhecemos sempre semi-destruídas, temos obrigação agora de defender as novas que estão correndo o mesmo risco de destruição completa por parte de alguns colegas inconscientes, irresponsáveis, talvez até, e por que não dizer, doentes mentais.

Cabe a cada um de nós a conservação da nova sede e à comissão que a reformou cabe mais um último dever qual seja o de providenciar uma pessoa que fique o dia todo a vigiar as novas instalações com amplos poderes para impedir a ação destruidora de alguns colegas daninhos.

HÉLIO LEMMI.



CONTINUAMOS À REGAR!

Mantendo uma irrigação permanente quem sabe si esse "sonho" denominado Maternidade Universitária cresce um dia sobre estas abandonadas estacas?

Liga de Combate à Tuberculose

Relatório de junho e agosto de 54

1. Patrimônio — Em resposta aos nossos apêlos, a Associação Brasileira da Indústria Farmacêutica de S. Paulo, através de seu Depto. de Colaboração Científica e Social, e por sugestão da "Laborterapica" S/A., concedeu-nos a verba de Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros), com a qual pudemos, alcançar, após muitos anos, uma situação mais ou menos estável.

2. Caravanas ao Interior — Conforme havíamos anunciado, realizaram-se em julho p.p., duas caravanas de colegas ao interior do Estado, tendo Governo Estadual pago a viagem, as Municipalidades as estadias. Os chefes de caravana, colegas Walther José L. Silva (Lins, Pirajúhi, Cafelândia e Guarantã) Zorandir M. Castro (Marília at. al.) relatam suas atividades em excelentes relatórios documentados, que serão entregues ao Exmo. Sr. Governador do Estado, como prestação de contas do Diretoria, e poderão ser vistos por qualquer interessado, com os membros da mesma.

3. A Liga, afim de conseguir uma orientação segura e cooperar com as demais entidades congêneres, fillou-se à Federação de Entidades de Luta Antituberculosa de S. Paulo, onde está representada no Conselho Deliberativo, pelo colega Synésio Borges (Presidente da Liga). No momento, está sendo lançada a magna Campanha no Selo Antituberculoso, estando a Liga representada na Comissão respectiva pelo colega Antonio Adahir Durante. No dia 24 p.p., foi lançada oficialmente a Campanha, com um jantar na

Associação Paulista de Medicina e uma Mesa Redonda na TV. O Selo Anti-Tbc., deverá ser vendido no Estádio Municipal, e nas competições acadêmicas, (Mac-Med, Pauli-Poli, etc.), para que já entramos em contacto com os vários Diretórios Acadêmicos da Capital e Faculdades de Medicina do Interior.

4. Deverão em breve ser submetidos a Assembléia Geral do CAOC os Estatutos da Liga, elaborados pelo Conselho Consultivo, em conjunto com a Diretoria, e já aprovados por ambos, devendo ainda ser aprovados pela Diretoria do Centro.

5. Afim de coadjuvar a Diretoria na direção da Liga, foi nomeado o seguinte Conselho Consultivo, cujos membros já aceitaram a nomeação e deverão reunir-se brevemente: Prof. Dr. Carlos da Silva Lacaz, Presidente; Dr. Roberto Brandi, (pres. da FELASP); e Dr. Roberto Brólio, da Fac. de Higiene e ex-pres. do CAOC.

6. Está em vias de conclusão a inscrição da Liga no Serviço de Medicina Social do Estado, o que virá facilitar sobremaneira a obtenção de verbas.

7. Foi conseguido um leito para todo estudante de Medicina vítima de Tbc., nos Hospitais do Governo.

8. Continuam a realizar-se as reuniões de Tbc. na Fac. de Higiene, devendo os interessados, bem como os colegas que desejarem proferir palestras em Escolas da Capital, procurar os Diretores da Liga afim de receberem esclarecimentos e efetuarem suas inscrições.

a) Friedrich Simon Secretário

Formação analítica

MILTON ZAIDAN

A Psiquiatria, a caçula das especialidades médicas, tem, na Psicanálise, uma de suas armas terapêuticas mais eficientes.

A Psicanálise não é só um novo método de tratamento das moléstias mentais. É verdade que, no campo da Psiquiatria, no tratamento das doenças da mente, é onde se encontra a indicação aplicação máxima da Psicanálise.

Alem de ser uma terapêutica, é a Psicanálise uma nova Psicologia, procurando explicar, não só os fenômenos patológicos, mas também é uma psicologia normal, que procura explicar fenômenos psicológicos normais, como os sonhos, por exemplo. Passou-se, aqui passamos a citar Freud textualmente (veja-se seu «Esquema da Psicanálise») — «de uma psicologia individual para uma coletiva». A Psicanálise invadiu o campo da Sociologia, da Pedagogia, da Higiene Mental, da Arte, procura explicar os mitos e, voltando ao campo da Medicina, procura explicar e curar certas afecções rotuladas como orgânicas mas que demonstram possuir uma base psicológica muito evidente.

O que é necessário para tornar-se Psicanalista?

Há um órgão que controla a Psicanálise e os Analistas de todo mundo, a Sociedade Internacional de Psicanálise. Esse órgão está representado no Brasil pela Sociedade Brasileira de Psicanálise. Pelos regulamentos dessas Instituições, para ser analista, há necessidade dos seguintes requisitos:

1 — que o candidato possua diploma de Curso Superior, ou que seja pelo menos estudante de Medicina. Não há necessidade de que pretendente seja médico. Se for estudante de Medicina ou possuir um diploma de Curso Superior, já preencheu um dos requisitos.

2 — que candidato se submeta ao Curso de Psicanalista, que consiste no seguinte:

a: — Análise Didática.

A Análise Didática consiste em o próprio candidato se submeter à Psicanálise. Compreende-se a necessidade da Análise Didática, ao nos lembrarmos que durante uma Sessão Analítica existe, dentre terapeuta e paciente, estritas relações afetivas. As cargas afetivas do paciente em relação ao terapeuta recebem nome de transferência e constituem a base de toda terapêutica analítica. Do mesmo modo, as cargas afetivas do terapeuta em relação ao paciente recebem o nome de contra-transferência e são, na maioria das vezes, grave impedimento ao bom andamento do processo de cura. Além disso, devido a dificuldades pessoais, pode o analista não querer ver (por um mecanismo inconsciente, claro) o que se passa na alma do doente. Afim de podermos conhecer os fenômenos de contra-transferência as nossas di-

ficultades pessoais é que nos devemos submeter à Análise Didática.

b: — Curso de Psicanalista.

Esse curso consta de aulas teóricas, que procuram esclarecer o terapeuta. Aliás, compreende-se que seja assim.

c: — Estágio em Hospital Psiquiátrico.

O candidato é obrigado, pelos regulamentos da Sociedade, a fazer um estágio de 6 meses em Hospital Psiquiátrico, afim de que possa completar sua formação analítica.

Poderiam alguns dizer que, para ser Psicanalista, haveria necessidade de ser médico, isso porque Psicanálise implica em cura de uma doença, como tal, pertence ao campo da Medicina. É evidente que só poderia haver vantagens se Analista for também um médico. Não há, porém, obrigatoriamente, necessidade de que assim seja. Bastaria, e é como se faz na realidade, que os Analistas não médicos, somente recebessem pacientes que lhe fossem mandados por um médico, com o diagnóstico e a indicação terapêutica já bem esclarecidos.

Poderíamos aqui apresentar vários argumentos em favor de nossa tese, porém nos limitaremos a citar os nomes de Analistas não médicos, cuja contribuição para evoluir da Psicanálise foi tal, que estarão sempre ligados à História da compreensão e da cura das moléstias mentais.

Citaremos, em primeiro lugar, o nome de Melanie Klein. É de todos conhecida a contribuição dessa grande Analista em dois grandes campos: criou uma das escolas mais importantes de Psicanálise Infantil e fez estudos memoráveis sobre esquizofrenia. O progresso que isso representa é incalculável.

Em segundo lugar, colocamos o nome de Ana Freud, cujos trabalhos em Psicanálise de crianças neuróticas e delinquentes são demais conhecidos.

Em seguida, vem o nome do grande Aichhorn, cujo livro «Juventude Delinquente» foi um marco no estudo da delinquência, sendo a base para a compreensão dos fenômenos psicopatológicos do delinquente e onde ele apresenta modificações da original técnica analítica no tratamento dos delinquentes.

Hans Sachs, advogado que se tornou Psicanalista, sendo atualmente Professor da Universidade de Yale.

Em seguida vem os nomes de Otto Rank (com sua teoria do trauma do nascimento), Theodor Reik, Jean Riviere, Vitor Tausk, Susan Isaacs, Ella Sharpe, Marie Bonaparte, Milton Wexchler e tantos outros que haveria necessidade de muitas páginas para citá-los todos.

Tenho a impressão de ter deixado uma idéia clara a respeito do problema.

“BRASIMET” COMERCIO E INDUSTRIA S. A.

Praça da Republica, 497 — 8.º andar

End. Teleg.: “BRASIMET” - Caixa Postal, 2887 - S. Paulo - Brasil

Depósito: Rua Pedro Cristo, 45

Pinheiros — Tel.: 8-2315

Penicilina e Dihidro Estreptomicina, importadas dos Estados Unidos e reembaladas em suas formas usuais, quer independentes ou associadas

Distribuidora dos antibióticos Merck (Norte-Americana), assim como do CORTONE MERCK, em todos os seus tipos.

Importadora de saes farmacêuticos, vitaminas e sulfas granel.

Congregação Acadêmica

Eis chegada a ocasião propícia do estudante levar à frente a velha idéia e organizar uma representação para defendê-lo em todas as suas reivindicações dentro da Faculdade de Medicina.

É preciso que fique bem estabelecido que a finalidade fundamental com esse movimento, é obter uma representação permanente do corpo discente junto ao Conselho Técnico Administrativo. É grande o numero de professores que apoiam a iniciativa achando-a útil e interessante à própria administração.

Toda queixa sugestão ou idéia será então dirigida à Congregação Acadêmica que estudará sua viabilidade ou legalidade e a encaminhará melhorada e complementada ao colégio C. T. A., através de seus próprios representantes.

Por sua vez essa Congregação Acadêmica, após modificações dos estatutos do CAOC, poderá transformar-se na unidade judiciária e consultiva da nossa classe em substituição as infrutíferas e degeneradas assembleias do CAOC. Só problemas extraordinariamente complexos seriam levados ao plenário de uma Assembleia Extraordinária dos Alunos.

Além de tudo isso esse Conselho Estudantil, inteiramente desligado da diretoria do Centro, exerceria uma posição vigilante em relação a mesma, supervisionando seus atos e atitudes. Para isso haveria um representante da congregação também no CAOC. Essa representação precisa sair de uma elite, de um grupo de indivíduos escolhidos por votação dentro de todas as séries, representantes legítimos dos interesses de todos os alunos. A esse grupo de 12 ou 18 elementos é que chamamos Congregação Acadêmica ou Conselho de Estudantes. Esses primeiros representantes terão a árdua tarefa de organizar os estatutos e um regimento interno. Através de reuniões semanais esse conselho procurará se mostrar útil aos estudantes; sugerir, criticar, etc., através de memoriais caprichosamente enviados ao C. T. A., assuntos relacionados com o Ensino Médico. Depois de 4 ou 5 meses de intenso trabalho, quando já estiver solidamente instalado no conceito do corpo discente

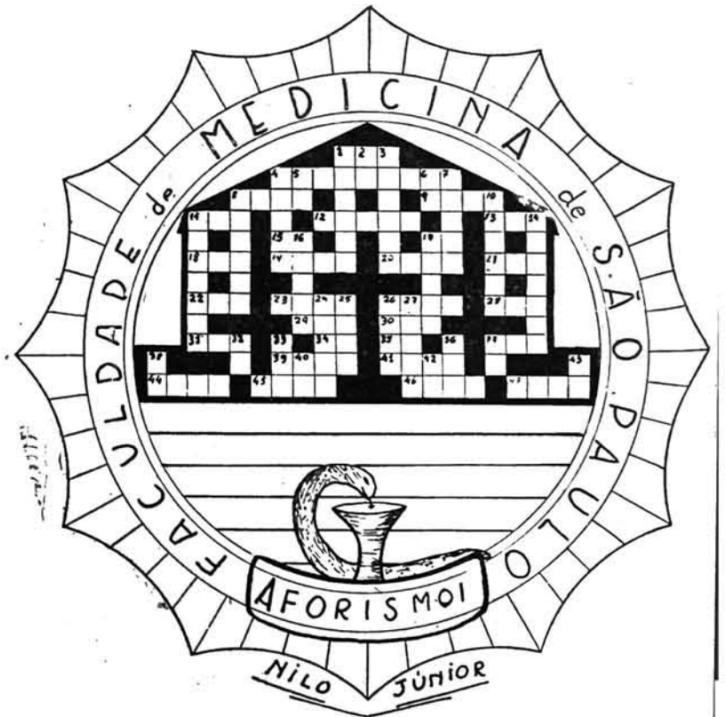
te e docente, teremos base e capacidade para levar pessoalmente (através de representantes) nossos interesses nas reuniões do C. T. A.

No dia em que isso estiver em vigor o estudante de Medicina poderá reivindicar e expor suas críticas e sugestões junto aos Srs. Professores lutando pelo sempre maior aperfeiçoamento do ensino na nossa Faculdade.

Uns dirão que tudo isso é utopia; eu direi que é apenas progresso e aperfeiçoamento de uma classe universitária ainda desorientada e perdida entre mil e uma idéias.

Vamos nos encorajar colegas; vamos eleger ainda este ano os representantes da futura Congregação Acadêmica que, será a expressão máxima da nossa luta por uma classe universitária coesa e construtiva.

Fernando Proença de Gouvêa.



VERTICAIS: 1) Sucesso; 2) Amá; 3) Ouvido; 4) Raça porcina brasileira; 5) Outra cousa; 6) Aqui; 7) Praça de taba; 8) Espécie de peixe (no plural); 9) Boa qualidade de sangue; 10) O mesmo que bacurau; 11) Junta de bois; 12) Abertura da boca; 13) Mérito grande; 14) Diminutivo de aba; 15) Montão; 16) Determinado por lei; 17) Toureiro (no plural); 18) Indivisível; 19) Membro da Câmara dos Lordes da Inglaterra; 20) Multidão; 21) Antecipadamente; 22) Interjeição; 23) Articulação das plantas dos dedos; 24) A mim; 25) Nota musical.

HORIZONTAIS: 1) O mesmo que despacho; 2) Planta medicinal da família malvacea; 3) Deus supremo da religião fenícia; 4) Denominação indígena das gralhas; 5) O mesmo que juruva; 6) Assentir; 7) Verme que aparece nas feridas dos animais; 8) Aspecto; 9) Acontecer; 10) Vontade; 11) Ato de vociferar; 12) Indole; 13) Origem; 14) Título abissínio; 15) Joeirar; 16) Medida antiga que equivalia 1 braça; 17) Gênero de formiga a que pertence a saúva; 18) Nome que na Baía dão à cola; 19) Pássaro da família Tanageridae; 20) Ave Odontoforídeo; 21) Em psicanálise, o substrato instintivo do psique; 22) Furto; 23) Mamífero Ungulado; 24) Fraco; 25) Espécie de peixe; 26) Mulher gorducha; 27) Arbusto.



Continúa sem água!

Porque a diretoria não retira de uma vez essas "inutilidades" das paredes? Como enteite esses bebedouros são muito feios, Dr. Farial



Apontar Irregularidades. Fiscalizar o serviço. Exigir ser bem servido. Recusar energicamente quando de direito. E' mínimo que você deve fazer pelo nosso Bar.

Use o «Jornal Mural», caro colega. E' seu direito.



A PROCEDÊNCIA DO PRODUTO É GARANTIA PARA O MÉDICO E PARA O DOENTE

FILOSOFIA E ARTE

Linneu Marcos Linardi

FILOSOFANDO..



Este pobre coitado enquanto espera um socorro nas alamedas da Faculdade, "mata" o tempo... FILOSOFANDO...

O principal objetivo desta secção é o de proporcionar alguns temas para profunda meditação.

Continuando assunto do número anterior, apresentamos agora: Filósofando, a favor da mulher!

Obs. — Em algum tema que não é de minha autoria, introduzi entre tanto algumas modificações, «para melhor» é claro!!?



Filosofando... a favor da mulher

A virtude do sacrificio do amor não têm limites no coração das mulheres.

Honrai as mulheres! elas semeiam rosas celestiais no curso da nossa vida; formam os laços afortunados do amor, e, sob o véu púdico das graças, nutrem com mão sagrada a flôr mortal dos nobres sentimentos.

A mulher formosa agrada aos olhos; a boa mulher agrada ao coração; a primeira é uma jóia; a segunda é um tesouro.

O coração da mulher contém uma faísca de fogo celeste, que está eclipsada durante o grande dia da prosperidade, mas que brilha e resplandece com todo o seu esmalte na sombria noite da desgraça.

A Perda...

JOSÉ KNOPLICH

Em uma sordida cela,
Certo dia, dois infelizes
se encontraram...
Ele velho; jovem é ela,
condenados por deslizes.

Eis que vem a pena,
e a ambos é de morte.
Se equivalem.
Ele chora, grita, faz cena;
Ela na desgraça é forte.

— Eu que sou jovem não clamo
velho, porque se queixa?
inquire ela.
— Eu vivi por isso reclamo.
Você não sabe o que deixa!!!

INSTANTE

Farrapos de emoção dormindo n'alma.
Noite sem estrélas.
Noite sem amor.
Vento gelado sacudindo a calma
Da noite incolor.

Desejo leve a se arrastar
Penoso.
O tédio se esgueirando pela sombra,
A tristeza chegando devagar.

Escureidão pesando nos olhos.
Frio, silêncio,
E a vontade de dormir sem acordar.

ANTONIO CARLOS CESARINO

Gráfica Editôra Linotype

LIVROS — JORNAIS — REVISTAS

CELSO MESQUITA LEITE

Rua Mem de Sá, 172 - Tel. 32-43-48 - São Paulo



A música clássica

APRESENTAÇÃO

A presente secção tem como escopo a difusão da Bela Música aliada sempre que possível, uma perfeita compreensão e interpretação das obras clássicas.

O critério adotado será o seguinte. Primeiramente o leitor tomará contato com os episódios mais característicos e importantes da vida de determinado compositor.

Em segundo lugar, terá interpretação da obra mais importante do compositor em foco.

Finalmente então, a citação das obras principais e que melhor exprimem o estilo e a vida do compositor em questão; sendo indicadas também as melhores gravações.

O primeiro compositor a ser citado, não poderia deixar de ser o grande mestre Beethoven.

Lógicamente não seria possível, dizer tudo sobre Beethoven em apenas um número do jornal. De modo que neste número teremos uma ligeira apreciação, muito por alto respeito de tão sublime mestre; e nos próximos números, as interpretações mais pormenorizadas de suas obras mais gigantescas, relacionando-as com a vida exuberante de heroísmo de seu compositor.

Já no fim deste artigo citaremos algumas obras.

BEETHOVEN E SUA MÚSICA SINFÔNICA

Ludwig van Beethoven, mestre surdo de Bonn, nasceu em 1770. Membro de uma família obscura cujo estado quase normal do pai era a embriaguez, iniciou os estudos de piano lá pelo ano de 1774, data em que mal contava 4 anos de idade.

Iniciou-os, porém, contra gosto, sendo verdadeiro martírio para Beethoven ir à aula de piano.

O gênio ainda não se havia manifestado.

Passados alguns anos tornou-se grande virtuose do rei dos instrumentos, não mais encontrando rivais.

Pela maravilhosa técnica e talento improvisador a todos sobrepujou. Era o Napoleão do piano.

No vigor dos anos sobreveio-lhe a pior desgraça que a música genial pudesse acontecer — a surdez. Era pelos 28 anos, na plena exuberância da vida.

Embora já a sentisse muitos anos antes, não dava a perceber. Procurava tratar-se sem despertar a atenção de quem quer que fosse.

Mas então já não lhe foi possível

escondê-la, pois já se encontrava bem adiantada.

É uma tarde primaveril quando ia a seu habitual passeio pelos bosques de Viena, acompanhado do querido discípulo Ries, sucedeu-lhe algo de entristecedor. Ries perguntou-lhe: Mestre, ouve essa bela harmonia de flauta?

Beethoven, porém, permanecia silencioso pois nada ouvia. Estava surdo.

Regressou para casa muito acobrunhado pois sabia, pela terrível constatação que já não era possível ocultar a sua enfermidade.

Que diriam, então, os vienenses e quantos nutriam inveja dele? Ah! o músico surdo!...

Entretanto Beethoven não lançou mão dessa boa desculpa para ficar inativo. Muito pelo contrário, com força de caráter fora do comum, resolutamente pôs-se a encetar luta ingente contra o transtorno de sua vida. Era preciso dar expansão ao gênio.

Afinal os seus esforços foram coroados de pleno êxito pois levou a má sorte de vencida.

Homem de aparência rude mas que tinha, no peito, um coração de ouro do qual fluía amor sincero pela humanidade, almejava ligar-se uma pessoa a quem consagrasse todo o seu amor.

Procurou uma companheira com quem compartilhasse as márgas, mas foi desiludido várias vezes, devido a sua enfermidade.

Mais tarde, já pelo fim da vida, adotou um sobrinho. Nele concentrou todas as suas esperanças e todo o seu amor. Desta adoção sobrevieram-lhe inúmeros sofrimentos que suportou com coragem.

Teve, então, que lutar intensamente para apartar da mãe o filho, por ser esta mulher sem compostura.

Karl, assim se chamava o rapaz, não correspondia, em nada, aos afeitos sinceros do pai adotivo.

Manifestava-se jovem de caráter frívolo e sentimentos baixos.

Resolveu, por fim, lutar sozinho, e assim o fez.

Na tarde de 26 de março de 1827, após haver assistido, de cama, a uma ária de sua única ópera *Fidéllo*, interpretada por dois jovens cantores, exalou o último suspiro.

Fora, desabava nesse momento forte aguaceiro de verão.

Eis breve esboço biográfico desse grande mestre, que com sua música fez jús à glória que lhe aureola o nome imortal.

Mas se Beethoven nada tivesse composto, em música clássica, só a sua vida e sua incomparável corres-

pondência, já o tornariam inolvidável benemérito.

Felizmente nos legou admirável obra musical, que ele próprio elevou da terra para o céu, região da harmonia.

Beethoven primou especialmente na música sinfônica cujo principal caráter é a imponência, sendo esta qualidade um eco das lutas travadas, no âmago de sua alma, com os contratempos da existência, e que se percebem nas suas sinfonias.

Cada sinfonia, com efeito, constitui uma luta, da qual o mestre participa. Começa calmamente, enfurece-se depois e luta heróica e tenazmente, terminando com vitória estrondosa, qual é celebrada por toda a orquestra.

Beethoven empregou muitos instrumentos de sopro, principalmente na 6.ª sinfonia denominada Pastoral. Usou-os com uma graça e sensibilidade sem igual. A Pastoral é um resultado de seus frequentes passeios pelos arredores de Viena.

Cada uma de suas composições é uma obra prima. E declaro que a sua melhor obra é a que se está ouvindo no momento.

Considero a melhor obra sinfônica do mundo a Sinfonia n.º 9, denominada Coral, opus 125. Termina com um coro muito bem introduzido no seu 4.º último movimento.

Devo assinalar, de passagem, uma semelhança interessante entre suas cartas e sua obra artística, qual sejam, nas cartas, as passagens repentinas de frases amáveis e bondosas para brados de dor contra injustiças.

Do mesmo modo, nas suas sinfonias, há trechos em que se passa de movimentos lentos para rápidos. Como exemplo, têm-lo na Coral, que de um melancólico «adágio» passa rapidamente a um «presto».

Terminando, os temas sinfônicos criados por Bach, cultivados por Haydn, foram elevados à perfeição por Beethoven.

A morte de Beethoven foi, deveras, enorme perda para o mundo artístico, mas a posteridade imortalizou e o relembra de continuo no enlevo da audição de sua música impar.

REFERÊNCIAS DE OBRAS

6.ª Sinfonia: Pastoral — Orquestra sinfônica de Filadélfia, reg. Bruno Walter.

7.ª Sinfonia — É a sinfonia mais perfeita até agora concebida; esta obra será oportunamente comentada.

Gravação — Orquestra Filarmônica de Viena, reg. Félix Weingartner.

WALTER LTDA.

IMPORTADORES E FABRICANTES

Distribuidores de instrumentos cirúrgicos alemães «AESULAP»

Aparelhos Eletro-Medicinais
Aparelhos de Diatermia e Raios-X
Instrumentos Cirúrgicos e Móveis Ascéticos
Artigos em geral para Médicos, Hospitais e Laboratórios

RUA CAPITÃO SALOMÃO, 59 — Loja — São Paulo

Telefones: 34-0691 35-1568

Caixa Postal, 4.173

Prosseguindo na série de enquetes dentro das várias turmas do Curso Médico, acerca das notas de que foram merecedores os professores durante o ano escolar de 1953 publicamos esse mês a opinião da turma do atual 5.º ano, a maior prejudicada na última reforma do currículo médico na Faculdade. Preocupados em melhorar a sequência e distribuição das Cadeiras nos seis anos do Curso, esqueceram-se lamentavelmente, os autores da reforma, de procurar solucionar os prejuízos de que estão sendo vítimas as turmas intermediárias nesse período de transição. Acontece que o atual 5.º ano, além do extraordinário acúmulo de matérias no ano passado (nove Cadeiras), vem (segundo consta no programa aprovado pela Congregação) tendo uma mera repetição de assuntos já explanados em outras Cadeiras, onde, bem ou mal, já foram dados. Ao mesmo tempo, não lhes foram ministrados assuntos de grande importância (que seja exemplo a cirurgia de Torax e vasos) nunca o serão pois este ano terminam a Cirurgia. Esse pouco caso e indiferença a tais prejuízos (um pouco amenizados pela boa vontade do Prof. Decourt e do Dr. Pontes que vêm lhes dando, em caráter extraordinário, a Patologia Respiratória, Cardíaca e Digestiva, por especial condescendência do prof. Cintra) refletiu-se diretamente em algumas das notas obtidas, expressão exata da mediocridade com que foram premiados.

Foram inquiridos cerca de 57 (cincoenta e sete) alunos; eis a relação das notas obtidas:

1.ª CLÍNICA MÉDICA

Prof. A. C. Uihôa Cintra	5,20
Emílio Mattar	7,47
Hélio Lourenço e col.	6,60
Aulas Práticas	0,62

CLÍNICA CIRURGICA

Alípio, Montenegro col.	
Aulas teóricas	6,91
Aulas práticas	5,98

FISICA BIOLÓGICA

Prof. Rafael de Barros e col.	6,50
-------------------------------	------

PSIQUIATRIA

Prof. Pacheco e Silva	6,41
-----------------------	------

TÉCNICA CIRURGICA

Prof. Eurico Bastos e col.	
Aulas teóricas	1,42
Aulas práticas	3,43

ANATOMIA PATOLÓGICA

Prof. Cunha Motta (teoria)	7,58
Armbrust	7,59
Maria Mercadante	5,63

PEDIATRIA

Prof. Pedro de Alcântara e col.	
Aulas teóricas	7,05
Aulas práticas	6,43

MOLESTIAS INFECCIOSAS

Prof. Meira col.	
Aulas teóricas	7,05
Aulas práticas	8,27

FARMACOLOGIA

Prof. Charles Corbertt	6,03
Dr. Sérgio	7,18
Dr. Antonini	6,23
Dr. Papaterra	7,37
Dr. Vital Brasil	5,32
Aulas práticas	6,28

Eis alguma cousa dos comentários apurados:

CLÍNICA MÉDICA

Curso teórico entre bom e regular merecendo destaque as aulas do Dr. Emílio Mattar na parte de Patologia Renal.

As aulas práticas de Clínica Médica receberam cerca de 43 notas ZERO (76%) em vista da sua quase absoluta inexistência. Basta dizer-se que somente quatro doentes foram examinados diretamente pelos estudantes nas demonstrações práticas

cas, no ano letivo inteiro. A impressão geral da turma é que organização de pequenos grupos para examinar e discutir casos seria muito mais proveitosa. Doentes em número suficiente existem; talvez falte só boa vontade.

CLÍNICA CIRÚRGICA

Curso teórico regular. Aulas práticas, em geral, mal preparadas e mal orientadas. Exceptuando-se um ou outro setor, as aulas práticas foram dadas displicentemente com pouco aproveitamento por parte dos alunos. Especialmente as aulas em salas de operação tiveram valor nulo prático devem ser acompanhadas de uma preleção mais bem preparada e assistidas por 4 ou 5 estudantes no para maioria. Para seu proveito máximo.

FISICA BIOLÓGICA E PSIQUIATRIA

Ambas mereceram notas regulares não sofrendo por parte dos alunos muitas críticas. Na Física Biológica mereceu reprovação o sistema aplicado no ano passado na «sequência» das aulas que era uma verdadeira balburdia. Seria melhor que se esgotasse um assunto para então iniciar-se outro, ao invés de distribuí-los desordenadamente por todo semestre.

TÉCNICA CIRÚRGICA

O curso foi considerado sofrível. As aulas teóricas foram fraquíssimas. Frequentemente mal orientadas e mal preparadas pelos professores, donos em sua maioria de uma péssima didática, representaram em geral uma perda de tempo para os estudantes. Foi tal descontentamento que cerca de 48% dos alunos lhe deram nota entre UM e ZERO. Também as aulas práticas mereceram reprovação da maioria da turma, especialmente as aulas do grupo do Dr. Nasser, cansativas e preenchidas por recordações inúteis de assuntos alheios à Técnica Cirúrgica. Aliás, tanto as aulas teóricas e práticas como os exames parciais parecem mais de uma Cadeira de Medicina Geral, do que de Técnica Cirúrgica em si. Melhorará muito esse Curso, no dia em que ele se restringir somente ao seu setor sem querer estender-se demais em Fisiologia, Patologia, etc.. Nas ocasiões em que houver necessidade de expor assuntos de tais ramos, devem procurar, os srs. professores, ser mais concordes com as opiniões das respectivas Cadeiras, afirmando não confundirem o estudante e caírem muitas vezes no seu descrédito.

ANATOMIA PATOLÓGICA

Mereceu uma boa nota. Aulas teóricas, do prof. Cunha Motta, muito bem «mastigadas» e bem preparadas. Mereceriam uma cotação ainda melhor se fossem um pouco mais atualizadas, em alguns setores. Pena que exista uma certa discordância com a Patologia ensinada nas diferentes clínicas, confundindo-se às vezes os estudantes que não sabem a quem seguir. As aulas práticas foram também boas e muito bem orientada pelo Dr. Armbrust. Poderiam melhorar mais ainda, se houvessem mais assistentes na sala para ajudar os estudantes. Não basta a boa vontade de um esforçado professor para percorrer 40 microscópios. Mereceu boa cotação também o curso do dr. Janini sobre Hematologia Clínica. Mereceu restrições o curso de Patologia dos Genitais da Dra. Mercadante; faltaram-lhe melhor didática e maior clareza nas aulas.

PEDIATRIA

Aulas teóricas boas. Aulas práticas muito hipertrofiadas na parte de Puericultura em detrimento da Patologia infantil. Alguns grupos queixam-se da má seleção dos doentes para as aulas. Pelo esforço de alguns assistentes mereceu nota acima de regular.

MOLESTIAS INFECCIOSAS

Foi a Cadeira mais cotada entre os estudantes do atual 5.º ano. Curso prático com ótimo aproveitamento. Merecem em pequenos quartos da ala de Doenças contagiosas: ocasiões seria mais proveitoso um exame preliminar do doente e discussão do caso em sala mais cômoda onde o aluno pudesse tomar suas anotações. Alguns assistentes já fazem isso; deveria se generalizar entre todos este sistema. As aulas teóricas mereceram também boa cotação. Como crítica elas merecem uma censura pela imensa extensão de detalhes e minúcias em detrimento muitas vezes da maior clareza e valor prático dos assuntos expostos.

FARMACOLOGIA

Mereceu uma cotação entre boa e regular. Mereceram destaque entre os professores Sérgio A. Pereira (pela sua excepcional didática) e Limongi Papaterra (pelo seu esforço). Mereceu restrição o Dr. Vital Brasil por dar suas aulas em tom muito baixo e com má sistematização. As aulas práticas mostraram uma certa deficiência de material, que precisa de uma reforma completa e uma grande ampliação.

Roberto T. Lima

Faleceu Roberto Tavares Lima, aluno do 5.º ano do Curso Médico. Foi-se, inesperadamente, um colega exemplar deixando, entre todos que o cercaram uma grande saudade.

Dotado de uma grande modestia o Roberto foi sempre um grande colega, querido por todos, desconhecendo inimizades. Desde sua entrada na Faculdade de Medicina, em 1950, colaborou ativamente com todas as diretorias do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", tendo feito parte de diversas comissões de festas; em 1953 foi dedicado diretor de sede e em 1954 fazia parte da direção de Show Medicina como seu tesoureiro. Incansável colaborador das boas iniciativas ele foi desses indivíduos (raros nos dias de hoje) que atendem a tudo e a todos com a mesma disposição e carinho.

A Roberto Tavares Lima o Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", "O Bisturí", os seus colegas, dedicam aqui essa homenagem póstuma, nascida do impreenchível vazio que sua morte prematura provocou entre nós. A sua pessoa jamais será esquecida como exemplo de simplicidade, coleguismo e amizade.

As atitudes estudantis devem demonstrar que há uma grande força moral que pugne pelo progresso universitário e social, contra a qual terão que combater sempre as aspirações reacionárias.



Vista parcial da nova sede da A. A. A. O. C.

Ensino Médico

Não obstante os temas de ensino médico serem focalizados em numerosas vezes em diversas seções de «O BISTURÍ», fazemos questão de manter esta seção exclusivamente para focalizar este transcendental assunto.

Reiteramos a nossa disposição em encaminhar qualquer pergunta que nos seja enviada sobre o tema a vários professores e Assistentes, para transmitir a sua opinião a respeito. Será esta uma forma útil de ventilar os problemas do ensino e cremos que ficaremos admirados com sob muitos aspectos os professores concordam plenamente com o ponto de vista dos estudantes. E, se medidas enérgicas não são empreendidas, é porque ninguém toma iniciativa e é isto que nós precisamos fazer.

Tome iniciativa, colega; incentive esta seção objetivamente. Escreva a sua opinião, faça as suas perguntas, traga as suas críticas. Estamos colaborando praticamente.

Memorável Sessão

Estudantes de todo o Brasil apresentam suas críticas e queixas — Os professores: Jairo Ramos, Zeferino Vaz e Uihôa Cintra, respondem e defendem. E criticam também

Data: 7 de Agosto de 1954, sábado, 14,30 horas.

Local: Anfiteatro de Medicina Legal.

Tema oficial: Ensino Médico.

A mesa: Profs. Jairo Ramos (Presidente), A. de Uihôa Cintra, Zeferino Vaz. Convidado de honra: Prof. Fumagalli.

Audatório: Uma centena de estudantes de medicina de todo o Brasil, participantes da 8.ª Sem. Bras. de Debates Científicos.

Regulamento: 1.º) — Um representante de cada Estado, fala durante 10 minutos; 2.º) — Os professores fazem comentários expõem seus pontos de vista; 3.º) — Os estudantes dirigem perguntas à mesa.

COMUNICADO

DO C. A. O. C.

O Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz» comunica aos seus associados que:

1) O novo Consultor Jurídico do Centro é o Dr. Alfredo Farhat e que este colocou o seu escritório de advocacia, sito à R. Boa Vista n. 245. 2.º andar, à disposição de todos os seus associados.

2) Recebeu do Deputado Alfredo Farhat a importância de Cr\$ 150.000,00, para reforma de sua sede.

3) Receberá do Dr. Alfredo Farhat a importância de Cr\$ 150.000,00 para a reforma do Estádio.

4) O Dr. Alfredo Farhat interessou-se pela legalização dos terrenos do Centro e pela construção da Casa do Estudante, prometendo interessar-se por eles.

Por tudo o que ai está Centro Acadêmico deixa patente o seu agradecimento ao Dr. Alfredo Farhat por meio de duas singelas palavras: MUITO OBRIGADO!

A DIRETORIA.

Esta memorável reunião estendeu-se até às 7,30 hs. da noite, o que bem demonstra interesse que despertou. Por isto é impossível apresentar um relato detalhado de todas as entusiásticas discussões acirradas controversias surgidas. Procuraremos apenas citar os pontos a que cada estudante mais se ateu, para em seguida apresentar os comentários e as importantes afirmações dos professores.

Devemos antes deixar expresso o agradecimento dos estudantes presentes da Comissão Organizadora da 8.ª S. B. D. C. promtora da reunião, aos professores pela sua presença durante 5 horas seguidas naquela reunião, e pela boa vontade demonstrada.

O QUE DISSERAM OS ESTUDANTES

1.º) Faculdade Nacional de Medicina — Carlos Byington — 3.º ano.

Após um relato crítico da seriação das matérias em sua Faculdade, expôs o que são, na sua opinião, os defeitos gerais do ensino médico no Brasil 1) — Grande número de alunos nas aulas práticas; 2) — Falta de orientação para pesquisa dos alunos; 3) — Cátedra vitalícia; 4) — Ausência de Full-time.

2.º) Recife — Marcelo Vasconcelos Coelho.

Ateve-se aos problemas peculiares à sua escola, e analisou então: 1) — Deficiência de instalações; 2) — Descentralização: Laboratórios e Hospitais de Ensino nos mais longínquos pontos da cidade; 3) — Material humano deficiente: técnicos de laboratório — analfabetos, etc.; 4) — Má remuneração dos Docentes que então só dedicam poucas horas ao ensino, pois vivem correndo para assinar o ponto nos vários empregos que são obrigados a ter; 5) — Ausência de verdadeiras aulas práticas — só há demonstrações semelhantes a mágicas; 6) — Especialização precoce: é a consequência de tudo, pois o estudante que quer aprender prefere trabalhar com um médico, em prejuízo evidente do curso; 7) — Perda do senso de moralidade dos alunos, consequentemente dos métodos: não assistindo ao deficiente curso os alunos são obrigados a lavar mão de meios excusos para conseguir aprovação: aulas vãs, cópia de livro de presença cheio: cola (colada como se diz no Recife) nos exames, etc..

3.º) Ribeirão Preto — J. A. Rosa — 2.º ano.

Resumindo suas palavras em três itens temos: 1) — Combate à Cátedra vitalícia; 2) — Combate à ausência do título de Docente Livre para a Cátedra (baseado num artigo de Carlos Chagas); 3) — Anulação prolongada e arcaica.

4.º) Faculdade Fluminense de Medicina — Niterói

O seu representante em síntese referiu aos seguintes pontos: 1) —

Conclui na 4.ª página